

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA – ESTUDOS DA SUBJETIVIDADE

FERNANDA FRANCO VIEIRA

**INTERLOCUÇÕES ENTRE O INCONSCIENTE PULSIONAL E O
INCONSCIENTE MAQUÍNICO**

Niterói

2007

FERNANDA FRANCO VIEIRA

**INTERLOCUÇÕES ENTRE O INCONSCIENTE PULSIONAL E O
INCONSCIENTE MAQUÍNICO**

Niterói
2007

FERNANDA FRANCO VIEIRA

**INTERLOCUÇÕES ENTRE O INCONSCIENTE PULSIONAL E O
INCONSCIENTE MAQUÍNICO**

Dissertação apresentada ao Curso de
Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal Fluminense,
Como requisito parcial para obtenção
do Grau de Mestre. Área de
Concentração: Subjetividade e Clínica.

ORIENTADORA: CRISTINA MAIR BARROS RAU

Niterói

2007

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

V657 Vieira, Fernanda Franco.

Interlocuções entre o inconsciente pulsional e o inconsciente maquínico / Fernanda Franco Vieira. – 2007. 96 f.

Orientador: Cristina Mair Barros Rauter.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de Psicologia, 2007.

Bibliografia: f. 90-96.

1. Inconsciente (Psicologia). I. Rauter, Cristina Mair Barros. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 154.22

FERNANDA FRANCO VIEIRA

**INTERLOCUÇÕES ENTRE O INCONSCIENTE PULSIONAL E O
INCONSCIENTE MAQUÍNICO**

Dissertação apresentada ao Curso de
Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal Fluminense,
Como requisito parcial para obtenção
do Grau de Mestre. Área de
Concentração: Subjetividade e Clínica.

Aprovada em agosto de 2007

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Cristina Mair Barros Rauter – Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Professor Doutor Mário Bruno
Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora Regina Néri
Faculdade Cândido Mendes
Niterói
2007

À minha filha Mariana,
por tudo que me ensina.

AGRADECIMENTOS

Em especial, a Dra. Cristina Rauter, minha orientadora, por ter me ensinado com sutileza a escrever por mim mesma.

Aos Professores de Psicologia da UFF, sem exceção.

Aos meus amigos da Turma de Mestrado/2005 pela colaboração na realização desta pesquisa.

Ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo subsídio aos dois anos de pesquisa.

A UFF - Universidade Federal Fluminense, por propiciar a oportunidade de aprender e apresentar o presente trabalho.

À Ana Accioly, psicanalista, pelo apoio imprescindível na construção deste trabalho.

Aos Professores da Banca Final de Examinação, Mário Bruno e Regina Néri, pela riqueza de suas sugestões.

À Minha Família, Luis Osmar, Sandra Franco, Flávia Loyola, Leonardo Loyola, Luis Osmar Júnior, Taís Araújo, Mariana Melo, Carolina Loyola, pelo apoio essencial em todos os aspectos da Vida.

A Diogo Terra, parceiro de um novo tempo.

Ao amigo Roberto Preu, por ter lido o trabalho em fase de conclusão e feito importantes sugestões.

Ao amigo Mário Neuman, por ter feito a revisão final da língua portuguesa.

E, enfim, gostaria de agradecer a todos aqueles que me apoiaram de alguma forma nesta pesquisa.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa de mestrado consiste em pensar em que medida o conceito de inconsciente só pode ser entendido como representacional, ou se diversamente, podemos entendê-lo como máquina de produção. De acordo com Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *O Anti-Édipo*, escrito em 1972 na França, o inconsciente da psicanálise estaria identificado ao modelo da representação. Inversamente, esta pesquisa propõe pensar o conceito de inconsciente freudiano como um processo de produção, a partir da perspectiva da economia do aparelho psíquico.

(Palavras-chaves: inconsciente, pulsão, máquina desejante e produção)

RESUMEN

El objetivo de esta investigación de maestría consiste en pensar en qué medida el concepto de inconsciente sólo puede ser comprendido como representacional, o si, diversamente, lo podemos comprender como máquina de producción. Según Gilles Deleuze y Félix Guattari, en *El Anti-Édipo*, escrito en 1972 en Francia, el inconsciente del psicoanálisis estaría identificado al modelo de representación. Inversamente, esta investigación se propone reflexionar el concepto de inconsciente freudiano como un proceso de producción, a partir de la perspectiva de la economía del aparato psíquico.

Palabras claves: Inconsciente, pulsión, máquina deseante e producción.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO:

Para pensar o conceito de inconsciente freudiano como produção
07

II - PRIMEIRA PARTE:

Contextualização política do Anti-Édipo
16

III – SEGUNDA PARTE:

O ponto de vista econômico do conceito de inconsciente
35

IV – TERCEIRA PARTE:

O inconsciente pulsional como processo de produção _____ 68

V – CONCLUSÃO _____ 83

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____ 90

I – INTRODUÇÃO: Para pensar o conceito de inconsciente freudiano como produção.

Na psicologia que se baseia na psicanálise, acostumamo-nos a tomar como ponto de partida os processos mentais inconscientes, com cujas peculiaridades nos tornamos familiarizados através da análise. Consideramos que são os processos mais antigos, primários, resíduos de uma fase de desenvolvimento em que eram o único tipo de processo mental. O propósito dominante obedecido por estes processos primários é fácil de reconhecer; ele é descrito como o princípio de prazer-desprazer.

(SIGMUND FREUD, *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, 1911).

Como nos diz Freud na citação acima, a psicologia que se baseia na psicanálise tem como ponto de partida os processos mentais inconscientes. Estaremos também aqui neste texto partindo deste pressuposto, de que o

inconsciente constitui-se como um importante objeto de estudo para as pesquisas em ciências humanas.

Também nos chama muito a atenção o destaque que Freud faz ao mais antigo ou primitivo como força inconsciente. O que será que isto quer dizer? Talvez pudéssemos dizer que a complexidade do tema do inconsciente tende a aumentar à medida que nele nos aprofundamos.

Mas isto seria um mergulho no passado? Compreendemos que não. Mesmo que o passado esteja presente a todo instante, entendemos que o inconsciente constitui-se como uma abertura. Uma abertura que possibilita produções ou novas produções. Como se fosse uma máquina de processamento que torce passado, presente e futuro.

Contudo, buscar uma explicação para a noção de inconsciente consiste numa tarefa bastante difícil, pois, embora o conceito de inconsciente percorra toda a obra de Freud, não se pode dizer, entretanto, que possamos encontrar um sentido final para o conceito de inconsciente. Freud não nos deu a palavra final para o conceito de inconsciente. Ao contrário, entendemos que o conceito de inconsciente em Freud serve mais como um operador que suscita nossas produções.

Podemos pensar o conceito de inconsciente como um processo, como o que ainda não se completou, algo por fazer, em andamento, algo que requer um fazer.

Ensaíamos algumas palavras no texto que se segue com o objetivo de circularmos um pouco sobre estas questões acerca do inconsciente. Não esperamos afirmar nenhuma verdade sobre o conceito de inconsciente, nem sobre os autores Freud ou Deleuze e Guattari, nem sobre a clínica. Não levantaremos bandeira. A não ser que seja inconsciente. Nos lançamos numa reflexão que busca fazer uma interlocução entre o inconsciente pulsional e o inconsciente maquínico.

Propomos trabalhar especialmente com três autores. São eles: Sigmund Freud, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Como sabemos Freud construiu a teoria da psicanálise, e Deleuze e Guattari (o primeiro filósofo e o segundo médico psiquiatra) escreveram juntos, na década de 70, um livro chamado *O Anti-Édipo*. Trata-se de um livro de mais de 500 páginas que contorce a psicanálise em seus próprios intestinos.

O Anti-Édipo se constitui como um livro que abre um enorme debate com a psicanálise, sobretudo, com o intuito de apresentar críticas, com um discurso de oposição e apresentação de um pensamento que se diferencia essencialmente da psicanálise. Por isso, o debate torna-se ainda mais interessante.

Muitos leitores do *Anti-Édipo* dizem que a maior crítica deste livro está direcionada para Lacan e o estruturalismo em voga na década de 60. Deleuze e Guattari propõem uma nova concepção do conceito de inconsciente, essencialmente distinto da psicanálise e da preposição lacaniana de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Segundo Deleuze e Guattari, o conceito de inconsciente freudiano não lhes seria forte o suficiente para se pensar a questão da produção desejante, porque tem como referência à figura paterna. Lacan, do seu jeito, teria potencializado a formulação do complexo de Édipo, elevando a idéia de figura à idéia de função. Ambos estes pensadores, Freud e Lacan, segundo *O Anti-Édipo*, teria perdido, de certa maneira, o foco essencial do conceito de inconsciente, que é o sua operacionalidade autoprodutiva.

Deleuze e Guattari querem falar de um inconsciente desfigurado (em relação a Freud) e desestruturado (em relação a Lacan). Na concepção maquínica do inconsciente não se sobrepõe a figura paterna ao desejo, nem mesmo se entende a emergência do inconsciente como consequência da instalação de uma instância simbólica transcendente. Por transcendental entendemos uma propriedade em comum que todas as coisas tem, que por isso excedem ou transcendem as diversidades, como por exemplo, os operadores universais do complexo de Édipo, falta e castração.

Para Deleuze e Guattari o conceito de inconsciente abarca uma idéia muito mais ampla, quer dizer, neste domínio desejam-se conexões com elementos os mais variados, com cruzamentos de todos os tipos, que estão para aquém ou além da estrutura familiar ou do familiarismo.

Porém, ainda assim, Deleuze e Guattari apontam para uma questão que consideram instigante e favorável no que concerne ao inconsciente. Deleuze e Guattari concordam, no *Anti-Édipo*, que a grande invenção da psicanálise foi pensar o inconsciente como um processo de produção, a partir da tese do princípio primário, como um princípio de circulação de

energia livre. A tese freudiana do princípio primário pode ser aproximada da concepção de inconsciente maquínico de Deleuze e Guattari, porque o processo primário opera como circulação livre de energia.

Tomando, então, como inspiração o livro *O Anti-Édipo* propomos uma investigação aos textos freudianos para ressaltar, pela perspectiva da economia do aparelho psíquico, que aquilo que define o inconsciente é seu próprio modo de funcionamento. Trata-se de uma operação, que ao mesmo tempo emerge inconscientemente, e funciona como uma operação de indiscernibilidade entre o produto e o produtor.

Do mesmo modo queremos dizer que o campo do desejo também está numa relação de indiscernibilidade entre aquele que deseja, o sujeito, e o seu objeto.

Assim, inconsciente e desejo ou desejo inconsciente, são operadores do pensamento para se falar disto que emerge entre dois termos, ou seja, o sujeito e o objeto, e/ou o produtor e o produto.

Com isto queremos afirmar que se o campo de pesquisa aberto pela filosofia clássica estabelece uma relação de adequação epistemológica, a psicanálise, diversamente, propõe uma investigação baseada numa relação de inadequação.

Sabemos que *O Anti-Édipo* apresenta do início ao fim de suas mais de 500 páginas contundentes críticas à psicanálise. Neste texto trabalharemos somente com uma crítica, àquela que diz respeito ao problema do inconsciente representacional. Uma questão primordial pode ser colocada, então: Deleuze e Guattari criticam Freud ou Lacan no que diz respeito ao inconsciente representacional?

Entendemos que a crítica ao inconsciente representacional é dirigida aos dois pensadores, tanto a Freud quanto a Lacan. Porém, este trabalho ocupou-se apenas de uma única questão: trabalhar com a crítica ao inconsciente teatral ou representacional freudiano. Como nosso fio de condução é o conceito de inconsciente, então, dedicamo-nos a mostrar que o conceito de inconsciente freudiano apresenta-se como um paradoxo. Quer dizer: como explicar o comparecimento de algo que emerge de si mesmo? De onde vem o inconsciente senão somente dele mesmo. É possível explicar a sua origem, quando isto se instaura?

O mecanismo do recalque originário tornou-se uma idéia explorada neste texto, por trazer, em essência, a apresentação de uma hipótese sobre o surgimento do inconsciente. Só que veremos que a formulação do recalque originário, apresentada como um mecanismo de instauração de uma divisão mental carrega um princípio paradoxal, de que aquilo que funda o inconsciente seria a operação do recalque originário, porém o recalque originário só acontece porque se pressupõe um inconsciente, um outro que se distingue essencialmente da consciência.

Nisto consiste este trabalho, manuscritos de idéias para compreender esta operação inconsciente. Mas devemos lembrar que o conceito de inconsciente é justamente um dos itens principais de divergência dos autores de *O Anti-Édipo* com a psicanálise. Por isso, queremos esclarecer que o presente trabalho não vai tratar das divergências entre os autores. Também não trazemos nada de novo. O que fazemos concerne apenas à proposta de um trabalho de investigação em alguns textos de Freud do aspecto de produção do inconsciente, que de acordo com nossa pesquisa podemos encontrar tanto no pensamento de Deleuze e Guattari quanto no pensamento de Freud.

Entendemos que o debate entre estes pensadores somente foi aberto porque, na verdade, em algum ponto eles estão falando de algo em comum, senão não haveria debate. Mas um comum que também se distingue. Para Deleuze e Guattari o inconsciente da psicanálise estaria reduzido ao modelo de pensamento da representação. Para nós nesta pesquisa é possível afirmar que se a psicanálise ainda se mantém atrelada a concepção representacional do pensamento, também, de outro modo, rompe com esta corrente, pois o próprio conceito de inconsciente pressupõe uma via que escaparia deste modelo. O objetivo da pesquisa é realizar uma investigação sobre o caráter de produção do inconsciente, propondo uma aproximação entre o inconsciente pulsional e o inconsciente maquínico.

Em *O Anti-Édipo*, inseriu-se a noção de máquina no conceito de inconsciente, para se poder pensar como isto funciona. E quando perguntamos sobre o funcionamento desta operação do pensamento inserimo-nos numa investigação epistemológica sobre o conceito de inconsciente, por isto os interlocutores Deleuze e Guattari nos foram essenciais. Perguntar como o inconsciente funciona é abrir as pesquisas para este campo indeterminado da teoria das pulsões.

Veremos, então, que na metapsicologia freudiana do inconsciente, o que mais nos interessa pensar é a relação deste conceito com a noção de pulsão e recalque. O primeiro, quer dizer, a pulsão, servindo de força para as produções inconscientes, e o

segundo, o mecanismo do recalque, agindo como barreira. Mas, os conceitos de pulsão e recalque somente aparecerão nesta pesquisa em sua estreita relação com o conceito de inconsciente.

Esta pesquisa partiu da observação de que aquilo a que se propõe a filosofia de *O Anti-Édipo* é desestabilizar o campo teórico da psicanálise, por considerar que a sua prática clínica tornou-se “formalista”, por conta de uma escuta que só consegue ouvir a história pessoal do sujeito naquilo que ela tem de representacional, quer dizer, naquilo que esta história tende a reduzir o plano de composição inconsciente às representações familiares (complexo de Édipo). O trabalho na clínica pressupõe uma análise que faça emergir o campo das forças de constituição de um discurso, para intervir de modo que a economia dos afetos em questão seja redistribuída. Assim, se as representações familiares comparecem na clínica, Deleuze e Guattari chamam a atenção para o fato de que somente como um dos aspectos de composição do desejo.

Se há um debate da filosofia com a psicanálise certamente não é para exaltá-la, mas para provocar a necessidade de discutir sobre determinadas questões. Nas décadas de 60 e 70 ocorreu uma grande expansão da psicanálise, uma espécie de *boom* da psicanálise. Assim, a psicanálise foi colocada por muitos no lugar de uma nova divindade, capaz de trazer as repostas que os humanos sempre procuraram. No entanto, ainda nos anos 70, a psicanálise foi trazida para o debate coletivo para denunciar seu discurso autoritário e mantedor de uma estrutura de poder.

Aquilo que pretendemos realizar neste trabalho é chamar a atenção para o fato de que se colocarmos em suspenso, estrategicamente, as formulações do complexo de Édipo freudiano, então, podemos destacar nos textos de Freud uma perspectiva que apresenta como plano de composição do inconsciente um processo de produção movido por forças intensivas. É o que buscamos ao ressaltar a economia do princípio do prazer e do desprazer.

Este trabalho se sustenta nos seguintes textos freudianos: “O Projeto para uma Psicologia Científica”, de 1895; “A Interpretação

dos Sonhos”, de 1900; os artigos de metapsicologia de 1915: “Recalque”, “O Inconsciente” e “A Pulsão e seus Destinos”; e “Além do Princípio do Prazer”, de 1920. Privilegiamos estes textos por considerar que ajudam na inflexão que gostaríamos de dar ao inconsciente.

O ponto de vista econômico nos é favorável porque qualifica tudo o que se refere à hipótese de que os processos psíquicos inconscientes se constituem como um processo primário de mobilidade energética.

No primeiro capítulo, “Considerações acerca do contexto político no qual *O Anti-Édipo* foi escrito”, ressaltamos a atmosfera ideológica dos anos sessenta na França, para contextualizar historicamente a crítica ao Édipo.

No segundo capítulo, “O ponto de vista econômico do conceito de inconsciente”, buscamos destacar dos textos freudianos o jogo de forças pulsional que caracteriza o princípio do prazer e do desprazer que rege o aparelho psíquico.

O terceiro capítulo, “O inconsciente pulsional como processo de produção”, busca afirmar que uma lógica baseada num conflito de forças também está presente na obra freudiana, sendo experimentada como uma lógica de pensamento paradoxal, que segundo a nossa pesquisa serve como motor para as produções inconscientes. Nesse sentido, propomos, então, uma via de pesquisa sobre o tema do inconsciente, que se localiza numa interlocução entre a psicanálise e *O Anti-Édipo*, com o objetivo de buscar no referencial teórico transmitido por estes autores algumas idéias que comprovem a hipótese segundo a qual o plano inconsciente se constitui como uma abertura para um campo problemático.

II – PRIMEIRA PARTE: Contextualização política do *Anti-Édipo*.

O pintor Paul Gauguin amou a luz da Baía de Guanabara/ o compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela/ a Baía de Guanabara/ o antropólogo Claude Levy-Strauss detestou a Baía de Guanabara: pareceu-lhe uma boca banguela/ e eu menos a conhecera mais a amara? (...) É chegada a hora da reeducação de alguém/ do pai do filho do espírito santo amém/ o certo é louco tomar eletro-choque/ o certo é saber que o certo é certo/ o macho adulto branco sempre no comando/ e o resto é o resto, (...) riscar os índios, nada esperar dos pretos (...).

(Trecho da música *O Estrangeiro*,
composta por CAETANO VELOSO, em 1967)

Este trecho da música de Caetano Veloso “O Estrangeiro” nos serve como uma forma de exemplificar o clima político e intelectual dos anos 60, no Brasil e em muitas partes do mundo. Observamos que contra uma ditadura fria e cruel (conseqüência de uma história bem mais antiga de dominação do poder dos possuidores do capital contra uma massa “despossuidora” dos meios de produção), insurgiram forças revolucionárias de contestação nos anos que se sucederam 1968 no Brasil e no mundo.

Parece que os hábitos e a maneira de viver da modernidade apreciam muito pouco o indivíduo, que acaba dissolvido nos padrões de comportamento e tendências dominantes. É como se houvesse esmagamento da individualidade como decorrência do mundo moderno.¹

Também se reivindicou da psicanálise que ela saísse de uma espécie de santuário, como uma espécie de idealização de seu discurso, em seus mestres e seguidores, como uma corrente que ainda se mantém aprisionada a uma categoria de pensamento universal.

A psicanálise, vista pelos escritores Deleuze e Guattari, ainda se constitui como um discurso que reduz a questão do desejo a uma instância transcendente, que na psicanálise seria representada por uma lei de interdição do incesto. Por isso, entendemos que *O Anti-Édipo* aponta para um problema crucial na teoria psicanalítica: o de separar lei de desejo, ou de se pensar o desejo barrado por uma lei transcendente. Quando falamos de lei nos referimos a certas categorias de pensamento que se tornam instituições de reprodução dos valores dominante de nossa sociedade. E para Deleuze e Guattari, o discurso psicanalítico ainda conserva a valorização de uma linha de pensamento estruturada por verdades pré-concebidas que impedem a emergência do

¹ GOMES, Pedro. *Psicanálise, hoje?* In: Revista Ciência & Vida. Psique. Edição especial. Ano 1. n. 4. São Paulo: Editora Escala, 2007.

inconsciente.

Este primeiro capítulo, então, visa trazer apontamentos sobre o contexto político e intelectual, no qual *O Anti-Édipo* foi escrito, para destacar a atmosfera revolucionária de contestação de práticas baseadas num discurso estruturalista vigente em nossa sociedade.

Para começar devemos dizer que *L' Anti-Oedipe*, escrito em 1972, pode ser compreendido como um manifesto político contra uma hegemonia da teoria do marxismo² e do freudismo da primeira metade do século XX, e início da segunda metade deste mesmo século. Em referência a Foucault:

Durante os anos 1945-65 (penso na Europa), havia uma maneira correta de pensar, um certo estilo de discurso político, uma certa ética do intelectual. Era preciso estar na intimidade com Marx, não deixar seus sonhos vagabundarem muito longe de Freud e tratar os sistemas dos signos – o significante – com o maior respeito. Tais eram as três condições que tornavam aceitável esta ocupação singular que é o fato de escrever e de enunciar uma parte da verdade sobre si mesmo e sua época.³

Podemos perceber, então, que Freud e Marx foram importantes escritores de uma linha de pensamento que busca marcar uma diferença sustentada por uma posição crítica em relação ao sistema de conhecimento dominante em nossa sociedade. Freud e Marx foram escritores que estimularam muitos intelectuais, principalmente os que

² Para Marx, o homem em sua vida produtiva participa de determinadas relações necessárias, como as de trabalho e produção, que correspondem ao que há de material em nossa sociedade. Esse conjunto de relações de produção material constitui o que podemos chamar de a estrutura econômica da sociedade. Sobre esta base, constrói-se a estrutura jurídica e política que determinam certas formas sociais de consciência. Nesse sentido, as relações sociais de produção ou o modo de produção de uma sociedade condiciona também o processo da vida social, política e espiritual.

³ FOUCAULT, Michel. *Anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista*. In: ESCOBAR, C. H. de (org.) *Dossier Deleuze*. Rio de Janeiro: Holón Editorial, 1991. p. 81.

se denominavam de uma política de esquerda. No entanto, considera-se que um esfriamento teria se instalado entre os leitores da teoria psicanalítica.

Se o interesse de Freud era colocar as questões relacionadas ao desejo, Marx procurava pensar os problemas sociais. No pensamento de Deleuze e Guattari observamos uma junção destes dois aspectos. Em outras palavras, se a perspectiva de pensamento tradicional (Freud e Marx) separam o que é da ordem do psicológico e o que é da ordem do social, na perspectiva da esquizo-análise esta separação é superada para que o psicológico e o social sejam entrelaçados.

Nisto consiste todo o problema acerca da análise do desejo, segundo Deleuze e Guattari. A grande crítica, portanto, em *O Anti-Édipo*, incide sobre esta tradição freudo-marxista, bem apontada na citação acima escrita por Foucault, que enunciavam uma verdade sobre si mesmo, por meio da psicanálise, e sobre sua época, por meio das análises do marxismo. O passo que foi dado, então, por Deleuze e Guattari, consiste em não separar os dois campos, o social e o psicológico. Antes devemos compreender como um está intrinsecamente relacionado com o outro.

O paralelismo Marx-Freud fica totalmente estéril e indiferente, encenando termos que se interiorizam ou se projetam um no outro sem deixarem de ser estranhos, como nessa famosa equação: dinheiro = merda. Na verdade, a produção social é unicamente a própria produção desejante em condições determinadas. Dizemos que o campo social é imediatamente percorrido pelo desejo, que ele é seu produto historicamente determinado (...). Mesmo as forças mais repressivas e mais

mortíferas da reprodução social são produzidas pelo desejo. ⁴

Assim, podemos entender, então, que o problema fundamental da filosofia política, quer dizer, a filosofia contemporânea desenvolvida por Deleuze e Guattari que procura entrelaçar o campo do desejo com o campo social, passa a ser expresso nos seguintes termos: qual é a relação do desejo com o capital?

A análise do desejo na atualidade passa pela possibilidade de ampliar o domínio do inconsciente para o campo social, em que toda produção é também produção de si mesmo. Podemos dizer que se trata de uma relação circular em que o produto e o produtor retroagem um sobre o outro. Em outras palavras, aquilo que se produz é também causa do produtor. É o aspecto relacional que está em destaque como maquinação dos agenciamentos do desejo.

Como diz Reich, o espantoso não é que pessoas roubem, que outros façam greve, mas antes que os famintos não roubem sempre e que os explorados não façam sempre greve: por que os homens suportam desde séculos a exploração, a humilhação, a ponto de querer isso, não apenas para os outros mas para si próprios? ⁵

Deleuze e Guattari ensaiam uma série chamada “Capitalismo e Esquizofrenia”, cujo primeiro volume seria *O Anti-Édipo*. Nesta série, é justamente isto uma das coisas que está em jogo. A possibilidade de se pensar como no mundo de hoje os problemas psicológicos estão relacionados com os problemas sociais e vice-versa. A reformulação do problema, então, equivoca o modelo de pensamento dominante,

⁴ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 46.

⁵ *Idem.* p. 47.

vigente em nossa época, de separar o homem da natureza.

Segundo Deleuze e Guattari, a psicanálise estaria condenada como instrumento de reprodução do modelo dominante porque também estaria enquadrada numa perspectiva privatista do desejo.

No entanto, também podemos afirmar que os autores de *O Anti-Édipo* são mais freudianos que Freud e mais marxistas que Marx. Isto por fazerem um estudo que instiga a materialidade do desejo de existir alojando o desejo na base do sistema social. A inserção da palavra máquina no conceito de inconsciente, em *O Anti-Édipo*, parte da influência do marxismo neste trabalho e do desejo dos escritores de juntar o processo de produção social com o desejo.

Marx está presente neste trabalho - pois de nosso ponto de vista, sendo a clínica imediatamente política, ela diz respeito às questões que atravessam o capitalismo enquanto modo de produção de subjetividade e de riquezas. Esta clínica se ocupará de questões que dizem respeito ao trabalho alienado, à possibilidade, em nosso mundo de reaproximarmos criação e produção da vida material - questões já colocadas por Marx sem que ele pudesse vislumbrar o que viveríamos neste fim de milênio globalizado, em que avançamos em direção ao passado, no que diz respeito às conquistas sociais dos trabalhadores. Se o tom de alguns trabalhos de Guattari parecia apocalíptico, ao falar dos problemas subjetivo-ecológicos que viveríamos, infelizmente o futuro não nos permitiu abandonar este tom. ⁶

⁶ RAUTER, Cristina Mair Barros. *Clínica do Esquecimento: Construção de uma superfície*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC,

Quando afirmamos que Deleuze e Guattari são mais freudianos que Freud e mais marxistas que Marx é porque entendemos que eles teriam avançado alguns problemas quando fazem cruzar a questão do capitalismo enquanto modo de produção com a questão da produção de subjetividade, porém sem abandonar, contudo, a idéia de produção. Mas a diferença consiste em pensar que a produção social não está separada da produção desejante.

São autores que estiveram ocupados com os problemas da alienação do trabalho em nossa sociedade. E não fugiram da questão de se procurar pensar o trabalho como produção de pessoas ou de modos de vidas existentes. Com isso, propuseram conceitos operadores para reaproximar a criação da produção de vida material. Quer dizer, como o desejo pode estar relacionado com a produção material em nossa sociedade, uma vez que toda produção material é também uma produção desejante?

Que relações podem existir entre Freud e o construtivismo? As relações não existem de antemão - elas são estabelecidas de forma ativa, são construídas - entretanto as partes postas em relação não compõem um novo todo coerente e acabado. Elas serão muitas vezes bêbadas e tortas - fragmentos teóricos serão tomados de forma até certo ponto "sem cerimônia". Mas perder a cerimônia com a teoria implica, na clínica, em livrar-se de parâmetros cientificistas paralizantes.⁷

1998. p.

⁷ RAUTER, Cristina Mair Barros. *Clínica do esquecimento: construção de uma superfície*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 1998. p. 9.

Aqui então queremos chamar a atenção para uma certa ética do pensamento na clínica que se apresenta em um tom-de-sem-cerimônia. Lembremos o forte impacto que uma nova teoria suscita nos meios acadêmicos, sobretudo, quando apresentam propostas e soluções novas para velhos problemas, como por exemplo, foi feito por Freud diante do enigma da histeria. Foi com esta efervescência política que os psicanalistas se alastraram como água pelo mundo todo e se tornaram superficiais em seu discurso.

O Anti-Édipo cria uma interlocução positiva com a psicanálise e suscita um debate. Na década de 70, quando o livro *O Anti-Édipo* foi escrito, os problemas pelos quais passava o mundo eram outros, o que faz com que precisemos ficar atentos ao contexto em que Freud escreve seus trabalhos e ao contexto em que o livro *O Anti-Édipo* é escrito. Deleuze e Guattari propõem uma não redução do pensamento ao consumo eterno de papai-mamãe. Os pais e as mães de todos os tipos. Papéis que os psicanalistas gostam muito de representar.

É por isso que devemos colocar a questão mais geral a propósito disso: o registro do desejo passa pelos termos edipianos? As disjunções são a forma da genealogia desejante; mas essa genealogia é edipiana, escreve-se na triangulação de Édipo? Ou Édipo não será uma exigência ou consequência da reprodução social, enquanto esta se propõe a domesticar uma matéria e uma forma genealógicas que lhe escapam por todos os lados? 8

Deleuze e Guattari, criticam uma posição representada do desejo, referida ao desejo do outro, subsumida ao desejo do outro, em que se aliena de si mesmo. E perguntam se haveria uma saída para isto que aprisiona o desejo. É possível, em nossa sociedade contemporânea

fazer o desejo operar por si mesmo? Quais são as armadilhas que o aprisionam? Como é possível estreitar cada vez mais a produção desejante da produção material? Como é possível aproximar o homem do produto de seu trabalho?

Desse modo, buscamos construir este capítulo com a intenção de mostrar que estas eram questões que rodeavam os intelectuais na década de 60 e 70, como um período de aparecimentos de movimentos críticos em relação ao modo de trabalho produzido pela lógica do lucro como primeiro em relação à vida do homem. A citação abaixo, explicita bem o que queremos ressaltar aqui neste ponto do trabalho:

8 DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 29

Quando um psicanalista afirma que o complexo de Édipo é estruturante, é preciso se saber com clareza o que está dizendo. Pois, se com isso está afirmando que os afetos da criança são codificados, moldados, pelas experiências de amor/ódio/ciúme/posse etc., nas suas várias combinações, tais quais se desenrolam no triângulo pai-mãe-filho, está apenas tentando cobrir, com um esquema abstrato e simplificado, uma realidade que é muito mais polifacetada do que a figura geométrica escolhida. Nessas simplificações nunca se considera a importância da babá, da creche, da escola maternal, dos irmãos, tios, avós, vizinhos ou mesmo da televisão que, hoje em dia, desde muito cedo, constitui uma força fundamental na produção de subjetividade infantil.⁹

⁹ NAFFAH NETO, Alfredo. *O inconsciente como potência subversiva*. São Paulo: Escuta, 1991. p. 48.

O fato é que nos anos que sucederam a II guerra mundial até mais ou menos 1965, havia na Europa Ocidental certa maneira de se pensar, certo discurso político e intelectual, que seguia o pensamento de Marx e Freud, como dois grandes pensadores da história, que apresentavam questões importantes sobre uma política de repressão do desejo. Mas após estes anos uma modificação social-política começa a ocorrer, impulsionando o mundo para a necessidade de uma abertura política maior e mais forte para se combater a ideologia capitalista dominante em nossa sociedade, e mesmo Freud e Marx passam a ser vistos como pensadores que precisariam ser superados. A guerra do Vietnã, por exemplo, que ocorreu entre 1958 e 1975, pode ser citada como um grande conflito político destes anos, porque o governo norte-americano, com o pretexto de ajudar o Vietnã, não tinha interesse que lá ocorressem eleições livres, conforme definido pela Convenção de Genebra. Os diplomatas estado-unidenses sabiam muito bem que, se fossem autorizados plebiscitos no país, os comunistas venceriam graças a enorme popularidade do líder da época, Ho Chi Minh, patriota e herói da resistência vietnamita contra as ocupações japonesa e francesa. O maior temor dos EUA era que os comunistas dominassem não só o Vietnã, mas também outros países, através do efeito dominó. Este conflito se inscreve no contexto da Guerra Fria, conflito entre as potências capitalistas e o bloco comunista.

Com novos problemas ocorrendo no mundo, também surge uma necessidade de novos pensamentos e propostas para as questões psicológicas e sociais. Assim, apoiando-se sobre noções aparentemente abstratas, como por exemplo, de “multiplicidades”, de “fluxo”, de “dispositivos”, às quais não aprofundaremos aqui, e de um estudo da relação do desejo com a realidade social, ou com a máquina capitalista, Deleuze e Guattari produzem, em *O Anti-Édipo*, novos conceitos para responder as questões contemporâneas.

Questões que se preocupam menos com o “porque” das coisas que com seu “como”.

Como se introduz o desejo no pensamento, no discurso, na ação? Como o desejo pode e deve despender suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de mudança da ordem estabelecida? Ars erótica, ars theoretica, ars política.¹⁰

Assim é que na década de 60, em várias partes do mundo se articularam grupos contra o sistema de classe dominante burguesa. Em países como a Alemanha, a França, a Itália, a Holanda, a Bélgica, a Suíça, a Inglaterra, a Dinamarca, a Espanha, a Turquia, a Tchecoslováquia, a Polônia, a Iugoslávia, a Argélia, Marrocos, Senegal, Madagascar, Mali, os EUA, a Argentina, o Uruguai, o Peru, o Chile, a Venezuela, o México, o Japão e o Brasil, podemos observar um combate à ideologia do sistema capitalista. As imagens do cenário mundial são as mesmas: pessoas mortas, feridas e espancadas. Apesar da diversidade das motivações dos movimentos nos diferentes países, podemos observar certa atitude comum de “liberdade”, que busca o “transbordamento”¹¹ da esquerda tradicional, legalista e ordeira, com sua política de moderação.

Na França, apesar de certo grau de desemprego, a situação econômica nesta época estava razoavelmente equilibrada, mas um mal estar permeou os ares das universidades porque muitos sentiam que iam acabar no total desemprego. Primeiro, porque a formação que recebiam não era suficiente para fazê-los alcançar cargos de responsabilidade, e, segundo, porque com a titulação da universidade ficavam muito acima do exigido pelo mercado de trabalho. Assim, certo espírito de reivindicação emergiu no sentido de transformar uma forma de existência social e material.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *Anti-Édipo: Uma introdução à vida não fascista*. In: ESCOBAR, C. H. de (org.) *Dossier Deleuze*. Rio de Janeiro: Hólon Editorial, 1991. p. 82.

¹¹ “Transbordamento” no sentido de buscar inquietar os grupos de oposição a se moverem ou se movimentarem com suas propostas políticas para aquecer a discussão.

(...) uma juventude que teria aprendido a não mais se identificar com estes ‘pais fictícios’ pelos quais de maneira alternada foram construídos, tolerados e em seguida esquecidos todos os Campos de Concentração da história e todos os Vietnãs, todas as câmaras de tortura das inquisições regulares, todos os guetos, todos os monumentos erguidos em culto aos monopólios; os jovens teriam aprendido a não mais idolatrar em tudo isto a expressão de uma civilização superior.

12

Neste período dos anos sessenta e setenta, o que mais se buscava eram as razões que fizeram da história da humanidade uma história apenas de dominação e de servidão. No mês de maio de 1968, por exemplo, ocorreram greves nas escolas, distribuição de panfletos, proclamações, assembléias, passeatas tanto silenciosas como turbulentas, ocupações de auditórios e de salas de aula, queima de jornais, e enfim, episódios de repressão e violência. As reivindicações dos estudantes, no princípio, estavam apenas nos meios acadêmicos. Mas a polícia passa a interferir em seus movimentos, o que tem como conseqüência o aparecimento das brigas e dos embates dos estudantes com a força repressiva da polícia. As reivindicações estudantis passam do plano universitário, portanto, para o plano político e os estudantes reclamam pela liberação dos manifestantes presos e a punição dos repressores e, de uma forma geral, pela transformação das estruturas políticas. Os estudantes entram em um conflito cultural e político contra os aparelhos de poder que se baseavam na integração, na manipulação e na agressão. O próprio saber científico, que é ensinado nas universidades, é questionado como uma forma de mecanismo de controle dos pensamentos e dos corpos individuais. Abre-se uma

¹² MATOS, Olgaria C. P. *Paris 1968. As barricadas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 10.

guerra contra o imperialismo mistificante da ciência. Para que a ciência se torne libertária é preciso, pensa os estudantes, modificar sua orientação e seus objetivos. Os ideais humanistas e progressistas da ciência deveriam ser postos em xeque por apenas servirem ao poder dos dominantes, além de afirmarem também que a modernização não passa apenas de uma modernização dos meios sociais de controle. Denunciam o interesse de classe e a lógica do lucro que regem a produção social. Observam neste período o quanto o saber (a ciência) está a serviço do poder (polícia e Estado). E, em um cartaz americano, por exemplo, de manifesto dos estudantes desta época, podemos ler o seguinte texto que marca a cumplicidade da ciência com a universidade e a pesquisa militar:

Cinco dos 22 administradores da Universidade de Colúmbia (EUA) representam as indústrias de guerra. Lockheed Aircraft (Burden, diretor) e General Dynamics (Moore, diretor) recebem juntos 10 % (3,6 milhões de dólares) dos contratos militares nacionais. Estas duas sociedades produzem aviões utilizados no Vietnã e vivem, pois, da guerra. ¹³

Na Alemanha, por exemplo, em Berlim Ocidental, um forte movimento de esquerda comunista foi se desenvolvendo e se espalhando, contra o esplendor do capitalismo Europeu, depois da segunda guerra mundial. Nesta época, a força política europeia tinha como objetivo isolar a URSS do mundo.

A Berlim de depois do milagre e sua 'Universidade Livre' foram o quadro de uma rápida politização e contestação estudantil. A

¹³ MATOS, Olgaria C. P. *Paris 1968. As barricadas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 14.

‘Universidade Livre’ fora fundada em 1949, com a emigração de professores e estudantes de Berlim Oriental; ela deveria representar, no espírito de seus fundadores, uma recusa do ensino autoritário que caracterizava a situação da Universidade, primeiramente durante o nazismo e em seguida sob o stalinismo, quando a Universidade Humboldt se encontrou na zona comunista com a divisão de Berlim. 14

A explosão crítica e cultural que queremos destacar na década de 60 na França ocorreu, como já destacamos acima, em outros lugares do mundo. Na Polônia, por exemplo, outro país Europeu, o governo interditou uma apresentação de teatro de Mickiewicz, “Os Ancestrais”. A peça trata dos problemas de luta individual e coletiva, entre a Polônia e a Rússia czarista em 1823-4 e reflete aspirações e necessidades dos intelectuais de 60. Estudantes e intelectuais organizaram manifestações de rua, com gritos de liberdade para a arte, liberdade para o teatro e não a censura. Em toda parte, as medidas de repressão da liberdade do pensamento se sucedem com a prisão e destituição de escritores, professores, personalidades políticas e estudantes.

É nesta mesma época que podemos encontrar o surgimento de algumas obras que marcaram a segunda metade do século XX. Foucault escreve a *História da Loucura* (1961) e *As Palavras e as Coisas* (1966). Althusser escreve *Para Marx* e os primeiros volumes de *Para Ler O Capital* (1965), bem como profere em fevereiro de 1968 as conferências *Lênin e a Filosofia* e *Marx diante de Hegel*. Em 1967

14 MATTOS, Olgaia C. P. *Paris 1968. As barricadas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 18.

Derrida publica *A escritura e a Diferença e Da Gramatologia*, e em 1968 escreve *O Fim do Homem*. Em 1966 surge também o livro *Os Escritos* onde Lacan reúne alguns de seus principais textos que coincide também com a grande época de seu “Seminário”. Do mesmo modo vieram a aparecer as primeiras obras onde Deleuze abandona o terreno da história da filosofia depois de escrever *Diferença e Repetição e Lógica do Sentido*.¹⁵

O horizonte histórico e político destes autores enfatizam o ponto de vista de pensadores que estavam vivendo numa época em que as universidades de Paris, pela primeira vez, eram invadidas pelas forças da ordem social (a polícia) a pedido de um reitor. Como bem podemos observar não há dúvida de que a concentração cronológica destes autores marca uma época com “um sentido de contestação” chamando a atenção do espírito para aquilo que lhe compete pensar, ou seja, colocar em questão o aparelho doutrinário da ideologia burguesa.

Eu diria que *O anti-Édipo* (que seus autores me perdoem) é um livro ético, o primeiro livro de ética que foi escrito na França desde há muito tempo (é talvez a razão pela qual o seu sucesso não se limitou a um ‘leitorado’ particular: ser anti-Édipo tornou-se um estilo de vida, um modo de pensamento e de vida). Como fazer para não vir a ser fascista mesmo quando (sobretudo quando) se crê ser um militante revolucionário? Como desembaraçar nossos discursos e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do fascismo? Como caçar o fascismo que se incrustou em nosso comportamento? Os moralistas cristãos procuravam os traços da carne que estavam alojados nas dobras da alma. Deleuze e

15 *Idem*.

Guattari, por sua parte, vigiam os traços mais íntimos dos fascismos no corpo. 16

Assim é que *O Anti-Édipo* localiza quais são seus inimigos. Desse modo, confrontam-se com os “políticos ascetas”, os “militantes amorosos”, os “terroristas da teoria”, os “burocratas da revolução”, os “funcionários da verdade” e os “técnicos do desejo”.¹⁷ O que se repete no pensamento destes intelectuais dos anos 60 é, primeiramente, a necessidade de pôr fim à filosofia, tal como ela foi entendida desde Platão até Hegel, como um conhecimento estruturado. Em contraposição, duas linhas de pensamento se apresentam distintas desse modelo:

- A genealogia nietzschiana/heideggeriana como uma perspectiva crítica da filosofia metafísica do platonismo;
- E o marxismo como uma teoria crítica a Hegel por reproduzir a ideologia dominante.

Estas duas interpretações apareceram como forma de pensamento que buscavam substituir o tradicional paradigma metafísico pelo genealógico, ou seja, surgem como uma forma de operar um deslocamento da questão. Tanto Freud e Marx de um lado, quanto Nietzsche e Heidegger de outro, todos têm a convicção de que a questão filosófica fundamental não seria mais *O que é?* (paradigma metafísico), mas sim *Quem é?* (paradigma genealógico). Não se trata mais de investigar o conteúdo que está por trás de um discurso, mas propor as condições de sua emergência.

Esta mudança de perspectiva anuncia a morte do homem como sujeito da consciência e contestam qualquer concepção humanitarista ou igualitária que tende a classificar e padronizar as pessoas. Quem é

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *O Anti-Édipo: Uma Introdução à Vida Não Fascista*. In: ESCOBAR, C. H. de (org.) *Dossier Deleuze*. Rio de Janeiro: Holón Editorial, 1991. p. 83.

¹⁷ *Idem*.

este que pensa? De onde pensa? A discussão intelectual crítica e filosófica, portanto, não deve ser compreendida como um livre debate entre sujeitos responsáveis pelo que anunciam, como se fosse uma comunicação intersubjetiva, entre sujeitos iguais, mas trata-se mais de um debate a partir das relações de força, como diria Deleuze e Guattari, ou um conflito pulsional, como diria Freud.

Será que a psicanálise ainda mantém a estrutura de um discurso que aprisionam o desejo às suas representações mais antigas? Afirmam Deleuze e Guattari que sim, e é com base neste entendimento que Deleuze e Guattari constroem uma lógica de pensamento que se distingue dos jargões da psicanálise, que de acordo com Furtos e Roussillon seriam principalmente estes três:

1 – a idéia de desejo ligada à falta, com base na preposição da castração;

2 – uma estrutura de pensamento representacional, que reduz o desejo a uma representação psíquica fantasmática (oposição entre o inconsciente teatral e o inconsciente como fábrica);

3 – e uma concepção teórica que sustenta as formulações universalistas do complexo de Édipo. ¹⁸

Estes três pontos não são separados um do outro, mas são localizados por Deleuze e Guattari como pontos problemáticos do pensamento psicanalítico e se relacionam entre si na medida em que não é possível abordar um sem falar conjuntamente do outro. Observamos que *O Anti-Édipo* se apresenta como um discurso estranho em relação às cristalizações do pensamento da psicanálise quando reduzido ao desejo de poder.

Dessa maneira, tomando como ponto de partida a crítica anti-edípiana direcionada ao discurso psicanalítico, bem como

¹⁸ FURTOS, J. & ROUSSILLON, R. 'O Anti-Édipo' de exploração. In: CARRILHO, M. M. (org.) *Capitalismo e Esquizofrenia. Dossier Anti-Édipo*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1976. p. 36.

considerando que o trabalho de Freud também pode ser pensado como distinto do projeto da filosofia da representação, gostaríamos de afirmar que identificar a psicanálise ao modelo da representação gera controvérsias, pois também é possível afirmar que a psicanálise tem operadores conceituais que lhe fazem escapar dos impasses da representação.

III – SEGUNDA PARTE: O ponto de vista econômico do conceito de inconsciente.

A compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação.

(SIGMUND FREUD, *Além do princípio do prazer*, 1920)

Passamos agora para um outro ponto em que propomos uma leitura da teoria da psicanálise pela perspectiva econômica do inconsciente. A perspectiva econômica nos indica que o inconsciente se constitui como um plano em movimento.

Para Freud, uma sensação qualitativa se instala na consciência ao mesmo tempo em que sofre uma estimulação intensiva das

quantidades de afetos. Isto nos ajuda a entender que se trata de pensar o plano da consciência e o plano do inconsciente como realidades distintas, embora indissociáveis, ou como dois aspectos distintos de uma mesma realidade.

Para Birman (1995), por exemplo, esta leitura da psicanálise, a da perspectiva econômica, busca tratar de “como é que se constitui a produção de representações no aparelho psíquico, considerando-se o primado do registro econômico na metapsicologia.”¹⁹

Pensar os processos de pensamentos, tal como Freud fez, como uma diferenciação do fator quantitativo (inconsciente) para o fator qualitativo (consciência), é também colocar a questão da inseparabilidade entre o corpo e o mente. Isto porque não é possível pensar numa idéia sem a sua quota de investimento afetivo. É assim que o problema crucial da filosofia - o de como pôr em relação o corpo e o pensamento - é enfrentado por Freud, que apresenta como proposição para este problema o conceito de pulsão, como uma força que emerge no invisível limite entre o somático e o psíquico.

A noção de representação em Freud só pode ser compreendida em referência à pulsão, como um trabalho de transformação das excitações em representação mental. Por isso, nosso interesse consiste em explorar o aspecto pulsional do inconsciente, porque queremos pensar na emergência ou na genealogia das representações mentais.

Freud, em seu artigo metapsicológico “O Inconsciente”, esclarece que este conceito não deve se reduzir apenas ao que seria da ordem do recaiado, pois o alcance do inconsciente é mais amplo, no sentido que há algo da ordem do irrepresentável no plano inconsciente. Como podemos bem observar com a seguinte citação:

Tudo que é recaiado deve permanecer inconsciente, mas, logo de início, declaremos que o recaiado não abrange tudo que é

¹⁹ BIRMAN, Joel. *Sujeito e estilo em psicanálise. Sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano*. In: MOURA, A. H. de (org.) *As Pulsões*. p. 25.

inconsciente. O alcance do inconsciente é mais amplo.²⁰

Isto nos indica que o inconsciente está para aquém ou além de ser tomado apenas como conteúdos recalçados. Indica que o conceito de inconsciente é mais complexo. Mesmo que um leque de representações tenha sido formado na primeira infância (formações do complexo de Édipo), aparecendo em uma narrativa histórica de caráter pessoal e familiar, como memória antiga, isto não significa dizer que o desejo estaria de todo, e por completo, aprisionado ao passado.

Para Freud, nenhuma representação de palavra (ou seja, aquilo que é da ordem do discurso) pode ser indicada apenas como um complexo fechado ou definitivo, porque toda representação também é representação de coisa, quer dizer, o plano da experiência nunca é subsumido no contexto de uma idéia.

Quando destacamos a distinção freudiana entre representação de palavra e representação de coisa, apontada no artigo metapsicológico “O Inconsciente”, de 1915, estamos querendo dizer que mesmo as representações inconscientes não podem ser entendidas separadas de seu investimento pulsional, que emerge do plano sensitivo das representações-coisas. Para Freud: “A apresentação da palavra é indicada como um complexo fechado de apresentações, ao passo que a apresentação do objeto é indicada como um complexo aberto.”²¹

Se a hipótese freudiana fosse a de que o aparelho psíquico apenas funcionasse como retenção dos traços de memória, se comportando apenas como um baú de representações do passado, logo perceberíamos um limite em relação a sua capacidade para abrir-se para novas excitações. Mas ao mesmo tempo em que retém lembranças, o aparelho psicológico também está preparado para abrir-se para novas experiências.

²⁰ FREUD, Sigmund. *O Inconsciente*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV. p. 171.

²¹ FREUD, Sigmund. *O Inconsciente*. Apêndice C. *Palavras e Coisas*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV. p. 221. Queremos também esclarecer aqui como nota que quando Freud usa a palavra apresentação, neste trecho, também corresponde à idéia de representação.

Esta distinção tem para ele (Freud) um alcance metapsicológico, pois a ligação entre a representação-coisa e a representação-palavra correspondente caracteriza o sistema pré-consciente – consciente, ao contrário do sistema inconsciente, que apenas compreende representações-coisas. ²²

Se há representações também inconscientes, como afirma Freud, é porque o inconsciente opera em ambos os aspectos, no representacional, como moções que teriam sofrido a ação do recalque, e também pulsional, como condição de possibilidade para a inscrição do acontecimento.

Segundo Garcia-Roza:

O que está sendo afirmado é que a *Vorstellung* não é uma reprodução do objeto externo, e que o seu sentido não é derivado desse objeto e sim da relação que as várias *Vorstellungen* mantêm umas com as outras. Se o significado de uma *Vorstellung*, no caso uma *Objektvorstellung* (representação-objeto), resulta não de sua relação com a coisa (*Ding*), mas da relação entre as próprias *Vorstellungen*, então não estamos mais no registro da representação entendida como entidade psicológica pura e simples, mas sim

²² LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 450.

no registro do sentido ou da construção criativa.²³

Podemos dizer, nesse sentido, que Freud subverte o paradigma dominante do modelo da consciência (racionalismo), para injetar o aspecto anárquico do campo afetivo na produção do conhecimento. Quando Freud arrisca-se em compreender o pensamento para além de sua dimensão consciente, introduzindo o que dela estava fora, como um estranho ou como um nível mais elementar e primário, em que é a partir dele que o pensamento se constitui, trata-se de fazer aparecer o processo de produção do pensamento ou o processo de construção criativa.

Como nos afirma Rolnik (1989):

Ele (o inconsciente) designa um universo indizível e invisível, marginal à consciência e com o qual é preciso entrar em ressonância. Invisível e indizível, por que é fluxo, devir, sem forma ou representação definida, campo de forças móveis e vibráteis.²⁴

De modo a lembrarmos o percurso freudiano, sabemos que durante todos os primeiros anos profissionais Freud foi um apaixonado pelas pesquisas, mas sentia-se extremamente insatisfeito com os poucos recursos que a carreira de pesquisador lhe oferecia. Assim, no

²³ GARCIA-ROSA, Luis Alfredo. *Introdução à Metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. V. I. p. 58.

²⁴ ROLNIK, Sueli. *Cartografia Sentimental – Transformações Contemporâneas do Desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. p. 98.

momento de seu encontro com Charcot, Freud pôde então se descobrir absolutamente interessado pela prática clínica e resolver um antigo conflito profissional e pessoal que o atormentava: a dificuldade de conciliar os estudos com suas necessidades materiais. Com os poucos recursos da carreira de pesquisador não conseguia casar-se com Martha, por exemplo, por quem se demonstrou apaixonado ao longo de toda a sua vida. Freud chegou a escrever que seus estudos sobre a anatomia do cérebro eram o único rival que Martha poderia ter. Em uma carta a Martha, escrita em 09 de outubro de 1883, Freud escreve:

Sei há muito tempo que minha vida não pode ser inteiramente cedida à neuropatologia, mas que ela pode ser totalmente entregue a uma querida jovem só se tornou claro para mim aqui em Paris (...) Pode estar certa de que dominei meu amor pela ciência na medida em que ele se punha entre nós (...) Ó Martinha, é tão mais lindo ser homem do que um depósito de certas experiências monótonas. Mas podemos ser homens durante uma hora se tivermos sido uma máquina durante onze horas. 25

No “Projeto para uma psicologia científica” (1895), que Freud começou a rascunhar no trem que o levava de Berlim a Viena, quando de uma visita ao amigo Wilhem Fliess, no outono de 1895, podemos ler a respeito de uma força quantitativa que rege o sistema nervoso central.

Contudo, insatisfeito com suas próprias idéias, Freud decide abandonar o “Projeto”. Só o re-vê quarenta anos depois pelas mãos de Marie Bonaparte, ex-paciente de Freud e princesa da Grécia e da Dinamarca. Ela havia adquirido os manuscritos, e mais o resto da

correspondência Freud/Fliess, de um livreiro que os havia adquirido da viúva do antigo amigo Fliess. De 1895 a 1950 o “Projeto” permaneceu fora de alcance do público, e não apenas do grande público, mas até mesmo do círculo de amigos de Freud, com exceção de Fliess. Segundo a introdução do editor inglês, Freud teria duas intenções no “Projeto para uma psicologia científica”, que podemos apresentar com a seguinte citação:

Vivo [Freud] atormentado por duas intenções: descobri que forma tomará a teoria do funcionamento psíquico se nela for introduzido um método de abordagem quantitativo, uma espécie de economia de força nervosa, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia tudo o que puder ser útil à psicologia normal.²⁶

Para nós, quando Freud escreve seu “Projeto para uma psicologia científica”, entendemos que o autor estava debruçado em suas inquietações sobre como construir um sistema teórico capaz de explicar o comparecimento de uma misteriosa força nervosa seguida de sensações de prazer e desprazer. Sabemos hoje como todo o conteúdo do estudo neurológico do “Projeto” reaparece entremeado nas considerações posteriores de Freud.

Qualquer ser vivo tende a fugir dos estímulos e nenhum deles, até mesmo aqueles mais complexos, aceita facilmente o incomodo do excesso de estimulação. Freud considera que o sistema nervoso se impõe como um aparelho que funciona regulado por uma tendência que busca evitar todo e qualquer recebimento de energia que o sobrecarregue. Quando a irrupção da energia psíquica emerge Freud observa também a emergência de uma outra tendência, a da descarrega. A descarga tem por finalidade livrar o organismo o mais

²⁶ STACHEY, James. *Introdução. Projeto para uma psicologia científica*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I. p.136.

rapidamente possível das quantidades de excitação. Ao aumento da energia Freud denominou princípio do desprazer e à descarga Freud denominou de princípio do prazer.

Partindo desta consideração, pode-se estabelecer um princípio básico da atividade neuronal em relação a Q , que prometia ser extremamente elucidativo, visto que parecia abranger toda a função. Esse é o princípio da inércia neuronal: os neurônios tendem a se livrar de Q .²⁷

No “Projeto” as sensações que emergem em um acontecimento são inconscientemente administradas pela instauração de uma barreira de contato, que implica uma concepção teórica que aponta para uma indiscernibilidade do limite entre a vida e a morte.

No “Projeto de uma psicologia científica” o discurso freudiano enfatiza que se o movimento básico do “organismo” fosse para a descarga total das “excitações”, essa possibilidade inviabilizaria a ordem da vida e conseqüentemente a ordem psíquica, pois o “organismo” precisaria de um mínimo de energia para a sua conservação. Portanto, a descarga não poderia ser absoluta, mas apenas parcial e incompleta, à medida que seria crucial a manutenção do mínimo de “excitação” no “organismo”, para a preservação da ordem da vida e a constituição

²⁷ FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I. p. 348.

do psiquismo.²⁸

Porém, se nos é possível perceber e eliminar as quantidades de excitações provenientes do meio externo, o mesmo não ocorre tão facilmente quando se trata de eliminar a estimulação que parte do próprio corpo. Segundo Freud uma força constante está na base do sistema nervoso.

Todavia, outra força seguiria numa direção contrária, como contraposição. Disto, desta força de atração e repulsão do estímulo, emerge um plano de indiscernibilidade, como uma fronteira que ao mesmo tempo em que comparece como sendo da ordem de algo extremamente familiar, idêntico ou semelhante, também comporta um caráter de estranheza.

O sistema *phi* seria o grupo de neurônios atingidos pelos estímulos externos, enquanto o sistema *psi* conteria os neurônios que recebem as excitações endógenas. Em tal caso não teríamos inventado as duas classes, *phi* e *psi*, e sim descoberto o que já existe.²⁹

O plano de composição do inconsciente, segundo Freud, parte tanto de uma base “física” quanto uma base “química”. A base física constitui o domínio da matéria e a base química constitui o domínio da força. Este, então, é o “Projeto” de Freud: unir a descrição dos neurônios (a base física) com a concepção da teoria da quantidade (a base química).

Se combinarmos essa descrição dos neurônios com a concepção da teoria da *Qn*, chegaremos a noção de um neurônio catexizado, cheio de

²⁸ BIRMAN, Joel. *Sujeito e estilo em psicanálise. Sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano*. In: MOURA, A. H. de (org.) *As Pulsões*. p. 44.

²⁹ FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica*. n: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I. p. 355.

determinada *Qn*, ao passo que, em outras circunstâncias, ele pode estar vazio.³⁰

Freud escreve no “Projeto” que duas funções neurológicas são fundamentais para a regulação do sistema nervoso: a função secundária e a função primária, que explicam o processo de *memória*. Em outras palavras, para Freud, a primeira classe de neurônios tem a característica de ser permanentemente influenciada pela excitação (ou seja, retém informação) e segunda classe de neurônios, por sua vez, possui a característica do deslizamento, pois tem seu curso livre no organismo. Queremos destacar, portanto, a característica de abertura do sistema inconsciente.

Para Freud, o aparelho psicológico não opera apenas como um sistema fechado de troca de informação, mas também não se resumiria a um sistema completamente aberto ou caótico. Sua principal função é fazer operar um jogo de força entre aquilo que se abre para o novo e aquilo que retém traços de memória.

A hipótese de haver dois sistemas de neurônios, *phi* e *psi*, o primeiro formado por elementos permeáveis e o segundo por impermeáveis, parece fornecer a explicação para uma das peculiaridades do sistema nervoso – a de reter e, ainda assim, permanecer capaz de receber.³¹

Na língua portuguesa permeável (*phi*) que dizer “suscetível de ser repassado ou traspassado” e impermeável (*psi*) “que não se deixa atravessar por água ou fluidos, como uma capa impermeável para dias de chuva”.³²

³⁰ *Idem*. p. 350.

³¹ FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica*. n: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I. p. 354.

³² Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa O Globo.

Freud diz que o primeiro sistema, o *phi*, é formado por elementos permeáveis, enquanto o segundo sistema, o *psi*, é formado por elementos impermeáveis. Como vimos, o fluxo livre da energia constitui o que ficou denominado de função primária e a retenção desta energia de função secundária. Ambas são funções essenciais para a preservação da vida e devem ser compreendidas como funções distintas de um mesmo sistema, o sistema nervoso.

Segundo Freud, a capacidade retentiva ou memorativa transforma o plano intensivo em qualidade de informação. Significa uma capacidade do sistema de transformar a estimulação em sensações conscientes, porém, ainda assim, não se pode eliminar por completo a catexia destes neurônios. Os neurônios responsáveis pela sensação consciente foram designados com a letra grega *ômega*.

Esta separação entre neurônios especializados em registrar e neurônios especializados em "deixar passar" evidencia uma preocupação em possibilitar que as novas impressões possam penetrar neste sistema sem estarem contaminadas por velhas impressões.³³

Quanto maior for a abertura, portanto, maior a necessidade de descarga energética. Uma vez que se supõe que *ômega* (sensações conscientes) deve ser preenchido a partir de *psi* (impermeáveis), decorre daí a hipótese de que quanto mais alto o nível de *psi*, mais alto também será a catexia *ômega* (sensações conscientes). Ao passo que, por outro lado, se esse nível de *psi* diminui, a catexia de *ômega* também diminui. O que Freud procura dizer é que no nível da catexia consciente nós só podemos ter a experiência da série das qualidades sensoriais e da série das sensações de prazer e desprazer. Assim é que

³³ RAUTER, Cristina Mair Barros. *Clínica do Esquecimento: Construção de Uma Superfície*. Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 1998. p. 75.

este nível não é suficiente para compreender o processo do pensamento. Devemos, pois, considerar que:

A característica da qualidade (ou seja, sensação consciente) só se manifesta quando as quantidades são tão excluídas quanto possível. Não se pode eliminá-las por completo, pois os neurônios “W” (*ômega*/consciência) também devem ser concebidos como catexizados com Q_n e se esforçando para conseguir a descarga. ³⁴

Se o sistema consciente serve como um centro organizador, que reconhece as quantidades afetivas representando-as e memorizando-as, isto por si só não serve para explicarmos o sistema nervoso. Um outro sistema, o sistema inconsciente, deve ser levado em consideração. Ele tem a característica de tornar o sistema sempre apto a novas sensações. Trata-se, na verdade, de um mesmo aparelho, que tem duas características distintas, de se fechar e de se abrir, resultando num conjunto de memória.

Outro critério que deve ser levado em consideração, como de extrema importância para preservação do sistema nervoso e para a manutenção da vida de uma forma geral, é o critério de indicação da realidade, como nos afirma Freud: “Provavelmente, são neurônios W [*ômega*-consciência] que fornecem essa indicação: a indicação da realidade”.³⁵

O que foi descrito até aqui: mecanismo de defesa, teorema quântico (químico) e teorema neuronal (físico), função primária (livre circulação energética) e função secundária (energia ligada), série prazer-desprazer, e memória (sensações conscientes/*ômega*), são descrições do funcionamento do sistema nervoso. Porém, isto somente

³⁴ FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica*. n: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I.. p. 361.

³⁵ *Idem.* p. 378.

se dá devido ou mediante o fato de indicação da realidade ou da percepção externa. Segundo Freud, do ponto de vista da psicopatologia, pelo menos duas circunstâncias podem ser descritas para se entender esta indicação de realidade: uma que tem como conseqüência à “alucinação” e outra que têm como conseqüência à “inibição”. Mas, se nenhuma destas duas circunstâncias ocorrerem, podemos dizer que o processo ocorreu “normalmente”. O que será que isto quer dizer? No primeiro caso, um objeto é abundantemente catexizado, quer dizer que algo está sendo excessivamente desejado, de tal forma que passa a ser alucinado, quer dizer, investido a tal ponto que o critério de indicação da realidade falha. No segundo caso, a catexia do desejo pelo objeto é inibida. Trata-se de inibição porque o ego se retrai diante do desejo, não produzindo, portanto, aquilo que chamamos de qualidades sensoriais. Neste caso, o critério de indicação da realidade é mais forte que o desejo. O critério de realidade serve como uma função com a qual o desejo se depara. Porém, se o desejo emergir forte e intenso, duas podem ser as saídas: se apto, ou seja, mantendo a indicação da realidade, o desejo pode seguir uma descarga no sentido de uma ação específica (é isto que Freud chama de “saída normal”); de outro modo, se o ego não for forte o suficiente para manter a indicação da realidade, o desejo se torna alucinatório. O inverso, quer dizer, quando o ego está muito enfraquecido, a indicação da realidade vem com tanta força que o desejo se inibe, porque a sua realização pode despende um esforço muito grande para o indivíduo, a ponto de ser sentido como desprazer.

A catexia de desejo, levada ao ponto de alucinação, [e] a completa produção do desprazer, que envolve o dispêndio total da defesa, são por nós designados como processos psíquicos primários; em contrapartida, os processos que só se tornam possíveis mediante uma boa catexia do ego, e que representam versões atenuadas dos

referidos processos primários, são descritos como processos psíquicos secundários. Ver-se-á que a pré-condição necessária destes últimos é a utilização correta das indicações da realidade, que só se torna possível quando existe inibição por parte do ego.³⁶

Freud destacou a experiência do sonho, como uma indicação de que quando dormimos e passamos a um estado mental em que o controle do ego fica muito enfraquecido, para falar de uma experiência mental destituída de qualquer organização possível. Os conteúdos dos sonhos nos aparecem como fragmentos de memórias, com composições as mais variadas, que tem como base um processo de condensação e descolamento de elementos diversos. Freud busca destacar a complexidade das produções inconscientes.

Segundo Guattari (1995),

É que, para mim, uma das coisas das mais geniais, e das mais extraordinárias, que há em Freud é sua descoberta do processo primário, é ver que atrás do caos do sonho há linhas de construção, de sobre determinação, de associação, de composição – há toda uma consistência da existência subjetiva que se dá no próprio seio do processo primário.³⁷

A característica do processo primário de energia livre descrita por Freud como o primado para a composição do pensamento indica, como bem ressalta Guattari na citação acima, que o inconsciente se investiga pelo que ainda não está representável.

³⁶ FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I. p. 379.

³⁷ GUATTARI, Félix. *Vídeo-entrevista com Félix Guattari*. In: MOURA, A. H. de (org.) *As Pulsões*. São Paulo: Editora Escuta, 1995. p. 106.

O “Projeto para uma psicologia científica”, desenvolvido por Freud, parte do pressuposto de que uma força quantitativa está na base da construção do pensamento.

Como base o capítulo VII de “A Interpretação dos Sonhos”, de 1900, cujo título é “A Psicologia dos Processos Oníricos”, no item B: Regressão, acompanhamos uma tentativa de Freud de apresentar uma lógica de funcionamento do sistema inconsciente, como se Freud estivesse tentando descrever o plano inconsciente a partir da estratégia clínica de regressão do pensamento.

Os sonhos são atos psíquicos tão importantes quanto quaisquer outros; sua força propulsora é, na totalidade dos casos, um desejo que busca realizar-se; o fato de não serem reconhecíveis como desejos, bem como suas múltiplas peculiaridades e absurdos, devem-se a influência da censura psíquica a que foram submetidas durante o processo de sua formação; à parte a necessidade de fugir a essa censura, outros fatores que contribuíram para a sua formação foram a exigência de condensação de seu material psíquico, a consideração a sua representabilidade em imagens sensoriais e – embora não invariavelmente – a demanda de que a estrutura do sonho possua uma fachada racional e inteligível.³⁸

Neste mesmo texto, Freud sugere uma analogia entre o sistema psíquico e um microscópio composto por várias lentes. As lentes

³⁸ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. Regressão. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. V. p. 564.

podem ser entendidas como instâncias psíquicas que mantêm entre si uma relação espacial e temporal. Podemos pensar nesta relação espacial dos sistemas entre si do mesmo modo que os vários sistemas de lente de um telescópio se dispõem uns atrás dos outros, por onde passaria um fluxo energético vivido como uma flecha do tempo.

Aqui gostaríamos de ressaltar que a característica de regressão pode não ser precisamente um mergulho no passado, como um retorno às origens, mas, de outra forma, entendemos a regressão descrita por Freud como um mergulho ao que ele denomina de mais primitivo, ou seja, ao desconhecido do plano inconsciente, que nos é acessível pelos sonhos, quando a censura está menos em cena.

A analogia com o sistema de lentes de um microscópio pode servir como imagem para ser pensar no processo de pensamento como algo distribuído por níveis que indicam uma lateralidade ao mesmo tempo em que uma profundidade.

Pode-se prever, em seguida, que esses sistemas talvez mantenham entre si uma relação espacial constante, do mesmo modo que os vários sistemas de lente de um telescópio se dispõem uns atrás dos outros. A rigor, não há necessidade da hipótese de que os sistemas psíquicos realmente se disponham numa ordem espacial. Bastaria que uma ordem fixa fosse estabelecida pelo fato de, num determinado processo psíquico, a excitação atravessar os sistemas numa dada seqüência temporal.³⁹

Na descrição do aparelho psíquico, uma parte de tudo que percebemos é retida como traços de memória, que se apresenta como um sistema de informações arquivadas. Mas, a construção de uma

³⁹ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. Regressão. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. V. p. 567.

teoria do inconsciente em Freud também pressupõe uma exigência de trabalho desmemoriada, quer dizer, sem expectativas ou necessidades de compreensão, que somente pode ser experimentada na dimensão do presente. Quer dizer, estar aberto para o que está se passando no presente de uma sessão de análise, não se prender aos fatos passados, nem se desviar para expectativas do futuro. Também não pretender curar alguém e nem prometer soluções. Assim como o sonho, o processo de produção inconsciente é sempre uma experimentação do contemporâneo. Se o sonho nos remete a algo do passado, ele é vivido, no entanto, sempre como uma experiência do presente, como algo que acabou de nos acontecer.

O inconsciente sempre vai muito mais além do que aquilo que nomeamos como tal. Numa conferência pronunciada em Paris, julho de 1978, Bion dizia: “O inconsciente é simplesmente uma dessas palavras usadas por Freud numa tentativa de chamar a atenção para algo que realmente existe. Mas, como sempre, prendemo-nos na palavra e então ocorrem estas intermináveis e cansativas discussões, para mim sobre todos os tipos de teoria”.⁴⁰

É com base nesta preposição de experimentação de um tempo fluído, ou seja, de um tempo que passa, do mesmo modo que o que está em jogo são questões relacionadas à existência finita do ser, que o trabalho de análise opera como uma investigação do “jogo de forças colocado em ação pelo tratamento” (FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*, 1913). No sonho, devido à suspensão provisória da resistência, o pensamento se liberta das exigências da realidade externa e se esquece de si mesmo, como se um botão desligasse a

⁴⁰ CHUSTER, Arnaldo. *Linguagem, ética e infinitude*. In: Rev. Ciência e Vida. Psique. Edição Especial. Ano 1. n. 4. SP: Ed. Escala, 2007.

função do eu. Segundo Freud, é possível operar com isto também acordado em um trabalho de análise, embora seja muito mais difícil.

(...) havendo regressão, elas [as relações lógicas do pensamento] perderiam necessariamente qualquer meio de expressar-se, exceto por imagens perceptivas. Na regressão, a trama dos pensamentos oníricos decompõe-se em matéria prima.⁴¹

Queremos sublinhar, portanto, está concepção também temporal na teoria do Freud, entrelaçada com uma descrição metapsicológica do aparelho psíquico, iniciada desde o “Projeto para uma Psicologia Científica”, e recolocada e ressaltada no livro sobre “A Interpretação dos Sonhos” - cap. VII (B) – “Regressão”. Pela regressão, somos lançados a um “estado mental”, mais primitivo, também entendido como matéria prima indeterminada do campo da experiência sensível.

A idéia de que o pensamento também se inscreve numa perspectiva temporal abre as pesquisas para o inconsciente e lança a tese de que é possível intervir no sentido de uma idéia, pois a matéria prima que a constitui serve como canal para outras composições ou associações do pensamento.

Para Freud:

Podemos calcular quão apropriada é a asserção de Nietzsche de que, nos sonhos, “acha-se em ação alguma primitiva relíquia da humanidade que agora já mal podemos alcançar por via direta”; e podemos esperar que a análise dos sonhos nos conduz a um

⁴¹ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. Regressão. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. V. p. 579.

conhecimento da herança arcaica do homem, daquilo que lhe é psiquicamente inato. 42

Nesse sentido, gostaríamos de afirmar que o conceito de inconsciente não pode estar reduzido apenas ao que seria da ordem do complexo de Édipo, como a rememoração de uma história antiga da primeira infância. Rememorar uma história passada é já estar no registro da consciência. Por outro lado, a tentativa de rememoração ou narração de uma lembrança ou história passada abre o pensamento para o que aparece como um não-saber, algo que escaparia ao pensamento organizado. Assim, queremos dizer que o inconsciente não aparece como se fossem conteúdos da história passada de uma pessoa, mas como força afetiva de sustentação de uma idéia. Ou seja, a narrativa de uma história está sempre no presente, no momento em que está sendo contada.

O estado regressivo descrito por Freud, para termos acesso ao inconsciente, uma vez que o controle do ego no estado regressivo é menos intenso e a força de resistência diminui, diz de algo que é inerente ao ser humano como uma força que o constitui, e indica a mobilidade do pensamento. Então, pensamos que há o que é da ordem da história e há o que é da ordem das forças de constituição de uma história.

A palavra *Trieb* surge aí, no contexto da explicação da gênese do sono, a partir de uma necessidade que tem a consciência de um retorno periódico e revigorante ao inconsciente (*bewusstlos*), através de uma regressão (*ruckkehr*), entrando aí em contato com este núcleo pulsional (*Keim und Trieb*).⁴³

⁴² *Idem.* p. 578.

⁴³ ANDRADE, Ricardo. *A teoria das pulsões no romantismo alemão*. In: MOURA, A. H. de (org.) *As Pulsões*. São Paulo: Editora Escuta, 1995. p. 16.

Após alguns anos, em 1915, Freud escreve alguns artigos para serem publicados em forma de livro, cujo título seria “Preliminares a uma Metapsicologia” e que ficou conhecido como os artigos de metapsicologia: “A pulsão e seus destinos”, “Recalque” e “O Inconsciente”.

Tomando como referência estes artigos da metapsicologia freudiana, tendemos a considerar que aquilo que constitui e sustenta a própria vida é uma força constante, chamada por Freud de pulsão, da qual não há como fugir.

A pulsão, segundo Freud, aparece como força motriz que faz a mente trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. Os estímulos pulsionais exigem muito mais do sistema nervoso, forçando-o a empreender atividades muito mais complexas e interligadas, como saltos qualitativos das quantidades intensivas. Como uma pulsão de vida na qual o mundo externo se modifica de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação. A satisfação que a própria experiência da vida proporciona corresponde também a uma espécie de renúncia aos modelos idealistas do pensamento.

Queremos relembrar as idéias que discutimos anteriormente da característica principal do sistema nervoso de abrir-se para novas excitações e reter traços de memória ao mesmo tempo. Este pulsar da vida pode ser explorado como um processo de produção de si e de mundo.

Portanto, a pulsão é uma força (*Drang*), antes de mais nada, que precisa ser submetida a um trabalho de ligação e de simbolização para que pudesse se inscrever no psiquismo propriamente dito. Esse processo foi denominado de domínio da força pulsional, que se realizaria simultaneamente nos

registros do objeto e da representação, de forma a se constituir o circuito pulsional. 44

Como todos sabemos, a teoria das pulsões em Freud, aponta para a questão de que não existe separação entre o eu e o objeto, pois a pulsão seria uma força que emergiria entre estes dois termos. É a pulsão que liga o eu ao objeto.

O processo de circularidade da pulsão, neste movimento de ligação entre o eu e o objeto, pressupõe uma dinâmica de trabalho. Isto implica dizer também que o produtor é inseparável de seu produto. São indistinguíveis no momento da criação.

O impulso que leva um organismo a investir em um objeto, sempre com finalidade de satisfação do seu desejo, é também produzido por aquilo que se produz. Assim, a idéia de fechamento ou acabamento de uma obra sempre pressupõe uma abertura para novas produções, como um resto que nunca acaba. Este processo Freud denominou de inconsciente.

Na teoria de Freud, três polaridades são apontadas no que diz respeito à vida. São elas: a polaridade do mundo real tal como o vemos e percebemos, também a polaridade das sensações de prazer e desprazer que sentimos, e a polaridade biológica de passivo e ativo como entendemos na diferença sexual. São três antíteses do pensamento: Sujeito (ego) – Objeto (mundo externo) [polaridade real], Prazer – Desprazer [polaridade econômica], e Ativo – Passivo [polaridade biológica].

Estas polaridades indicam que há um momento primordial da vida em que a distinção entre o que é mundo externo e mundo interno ainda não estava estabelecida e que as pulsões se satisfaziam tomando o próprio corpo como objeto. Freud denominou isto de “auto-erotismo”.

⁴⁴ BIRMAN, Joel. *Sujeito e estilo em psicanálise. Sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano*. In: MOURA, A.H. de (org.). *As Pulsões*. São Paulo: Editora Escuta, 1995. p. 46.

Podemos resumir dizendo que o traço essencial das vicissitudes sofridas pelas pulsões está na sujeição dos impulsos pulsionais às influências das três grandes polaridades que dominam a vida mental. Dessas três polaridades podemos descrever a da atividade-passividade como a biológica, a do ego-mundo externo como a real, e finalmente a do prazer-desprazer como a polaridade econômica.⁴⁵

A polaridade econômica do prazer e do desprazer, que mais nos interessa nesta pesquisa, indica um plano no domínio da experiência que funciona como uma tendência ao afastamento de tudo que se apresenta e é vivido como desagradável e, do mesmo modo, como uma tendência a incorporar o que é vivido com prazer.

Trata-se aqui do plano da sexualidade e também o plano por excelência de onde emergem as produções inconscientes.

Isto serve ao organismo como uma medida para incorporar o que lhe é agradável e recusar o que lhe é desagradável. O que lhe surge como desagradável, o organismo tende a isolar como parte do próprio eu que é projetada no mundo e sentida como hostil. Neste sentido, este processo implica na construção de um mundo em que o ego fica inteiramente identificado com o prazer e estranho ao desprazer.

Quando ainda verificamos que até mesmo a atividade do aparelho mental mais desenvolvido está sujeita ao princípio de prazer, isto é, que ela é automaticamente regulada por sentimentos pertencentes à série prazer-desprazer, quase não podemos rejeitar a hipótese ulterior, segundo a qual esses

⁴⁵ FREUD, Sigmund. *Recalque*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV. p. 144.

sentimentos refletem a maneira pela qual o processo de dominação de estímulos se verifica – certamente no sentido de que os sentimentos desagradáveis estão ligados a um aumento e os sentimentos agradáveis a uma diminuição do estímulo. ⁴⁶

No entanto, Freud em seus artigos de metapsicologia, pergunta o por que de observamos também uma força contrária tencionando no sentido do desprazer, como barreira para a satisfação total de uma pulsão? Haveria sempre uma sensação desagradável que viria junto com a sensação de prazer.

Isto se explica, na teoria freudiana e segundo a nossa leitura, como uma concepção em que se pensa que para a pulsão a fuga não tem valia. Se podemos escapar de estímulos externos, que nos são desagradáveis, o mesmo não ocorre com o estímulo pulsional. Em outras palavras, não podemos escapar de nós mesmos e dos estímulos que nos vem de dentro.

Este seria ao mesmo tempo o aspecto trágico da teoria freudiana, como uma concepção em que não podemos fugir de nós mesmos ou dos estímulos que nos vem de dentro, vividos como desprazerosos, a medida que leva o organismo a um estado de inquietação constante, mas também funciona como motor para as produções inconscientes.

Para Freud, um dos destinos da pulsão é o recalque, como resistência que torna a vida inoperante ou como uma função de operação do pensamento que parte de um julgamento ou condenação.

Mas se a função do recalque é barrar a livre circulação do desejo inconsciente, como uma instancia de crítica, é também pela operação do recalque que Freud explica a emergência do inconsciente.

Com a formulação do conceito de recalque originário Freud nos chama a atenção para a questão de que a instauração do primeiro

⁴⁶ FREUD, Sigmund. *Recalque*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV. p. 144.

recalque, quer dizer, a instauração de uma primeira divisão psíquica nos é desconhecida.

Compreende-se, em psicanálise, que o inconsciente nasce desta primeira operação de cesura do recalque, mais não conhecemos a sua origem. Desse modo, a origem do inconsciente, ou em outras palavras, o princípio que explica o inconsciente seria ele mesmo inconsciente. Desse modo, o conceito de inconsciente explicado pelo mecanismo do recalque originário apresenta uma lógica de pensamento paradoxal, na qual se entende que o recalque originário que explica o inconsciente, é ele mesmo inconsciente. Não se pode precisar o momento da primeira cisão mental.

O fator quantitativo torna-se decisivo para esse conflito: tão logo a idéia basicamente detestável ultrapassa certo grau de força, o conflito se torna real, e é precisamente essa ativação que leva ao recalque.⁴⁷

Aqui nesta citação freudiana observamos uma tentativa de explicar a emergência do inconsciente como um fator quantitativo presente nos processos de pensamentos, que são experimentados como conflitos de forças ideativas.

Em “Além do Princípio do Prazer”, de 1920, Freud reformula sua teoria das pulsões a partir da observação de um fenômeno que ele julgou chamar de “compulsão à repetição”. Algo que ele teria observado entre as crianças e também no tratamento psicanalítico. Diz respeito a uma pulsão compulsiva de repetição de sensações mesmo que desagradáveis, como uma tendência derivada de uma natureza mais íntima da pulsão. Seria uma força ainda mais poderosa que despreza o princípio do prazer.

⁴⁷ FREUD, Sigmund. *Recalque*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV. 157.

Deve-se, contudo, apontar que, estritamente falando, é incorreto falar na dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo. O máximo que se pode dizer, portanto, é que existe na mente uma forte tendência no sentido do princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer.⁴⁸

É em “Além do Princípio do Prazer”, que a característica de uma tensão desagradável aparece como problema para Freud. Também é neste texto que o autor passa a desenvolver uma tese que modifica, em certo sentido, a sua afirmação inicial de que o organismo seria regido primordialmente pelo princípio do prazer.

As pesquisas freudianas indicam que uma força muito mais poderosa determinaria o curso dos processos mentais, que não seria a do princípio do prazer.

Referimos a questão da pulsão de morte, que passa a ser descrita por Freud como a pulsão por excelência do organismo.

Entendemos que as idéias que circunscrevem a questão da pulsão de morte na teoria psicanalítica são idéias que suscitam discussões que dizem respeito a finitude da vida.

⁴⁸ FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII. p. 19.

Neste sentido, a concepção freudiana de pulsão de morte implica em pensar numa tendência do organismo para eliminar todo e qualquer desejo. Mas como isto não é possível, pois havendo vida também há desejo, resta sempre o trabalho de ligação efetuado pela pulsão de vida, ou pelo erotismo.

Assim é que para Freud, os impulsos pulsionais que surgem no interior do próprio organismo não devem ser do tipo vinculado ou ligado a um objeto externo, pois os objetos externos serão sempre provisórios e passageiros. São os objetos parciais.

Quando alguém se encontra identificado ao seu objeto de desejo, este alguém está em condições muito precárias em seu campo existencial, pois quando este objeto lhe escapa, ela, esta pessoa, tende a não se reconhecer a si mesma como causa de sua própria existência. Neste caso, então, estaria alienada em seu próprio desejo.

Por outro lado, quando se reconhece que há sempre uma força pulsional que emerge no próprio corpo, do tipo livre ou desligada, entende-se que a tensão ou o conflito de forças vivido como se fosse uma agonística existencial, está sempre relacionado consigo mesmo.

Aqui poderia achar-se o ponto de partida para novas investigações. Nossa consciência nos comunica sentimentos provindos de dentro que não são apenas de prazer e desprazer, mas também de uma tensão peculiar que, por sua vez, tanto pode ser agradável quanto desagradável.⁴⁹

Para Deleuze e Guattari, o corpo sofre por estar organizado assim, como uma máquina de produção de si e de mundo, que também tem repulsa de suas próprias produções, como uma máquina que expete, que precisa, expulsar algo de si mesma, para que outras

⁴⁹ *Idem.* p. 74.

produções sejam realizadas. Pois é disso que se padece na clínica. De uma paralisia da máquina desejante.

Segundo Deleuze e Guattari (1972), em *O Anti-Édipo*,

De uma certa maneira, seria melhor que nada andasse, nada funcionasse. Não ter nascido, sair da roda dos nascimentos, nem boca para mamar, nem ânus para cagar. As máquinas estarão bastante desarranjadas, suas peças bastante destacadas para entregar-se e entregar-nos ao nada? Diríamos que os fluxos de energia estão ainda muito atado, os objetos parciais ainda muito orgânicos. Mas um puro fluido em estado de liberdade e sem corte, deslizando sobre um corpo pleno. As máquinas desejantes fazem-nos um organismo; mas dentro desta produção, na sua própria produção, o corpo sofre por estar organizado assim, por não ter outra organização, ou organização alguma. 50

Desse modo, entendemos que através das noções de corpo sem órgãos e máquina desejante, Deleuze e Guattari, indicam que o plano de composição do desejo inconsciente incide como um processo autônomo.

O desejo não cessa de efetuar acoplamentos de fluxos contínuos de energia com objetos parciais, essencialmente, fragmentários.

O improdutivo do corpo pleno sem órgãos serve, segundo Deleuze e Guattari, como superfície para o registro de todo o processo de produção do desejo, tanto que as máquinas desejantes parecem emanar disto.

Porém, ao mesmo tempo, considera-se uma espécie de repulsa ou conflito entre as máquinas desejantes e o corpo sem órgãos, pois o corpo pleno sem órgãos produz um terceiro termo na série linear e binária da máquina.

O corpo pleno sem órgão impõe a sua superfície deslizante e tensa aos fluxos ligados, acoplados e recortados das máquinas desejantes.

Para Deleuze e Guattari, o sentido do recalçamento originário não seria outro senão uma força que emerge como repulsão da composição entre dois elementos.

Acreditamos que o recalçamento dito originário não tem outro sentido: não um ‘contra-investimento’, mas essa repulsão das máquinas desejantes pelo corpo sem órgãos.⁵¹

A lógica do conflito pulsional do recalçamento originário, descrito por Freud como um antagonismo entre forças opostas, de investimento e contra-investimento, portanto, é recolocada por Deleuze e Guattari, como pulsão e repulsão, das máquinas desejantes em relação ao corpo sem órgãos.

A idéia de investimento e contra-investimento, para Deleuze e Guattari, indica uma lógica de pensamento baseada num princípio de oposição, o que não agrada aos autores de *O Anti-Édipo*.

Deleuze e Guattari querem pensar o inconsciente como conflito de força que se daria entre as máquinas desejantes e o corpo sem órgãos. Podemos entender por isto um conflito que emerge entre o corpo organizado e o inorganizado. Um conflito entendido mais como uma tensão do que como uma oposição. Contudo, esta distinção entre

⁵¹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 24.

tensão/conflito de força e oposição, ainda não nos é muito nítida. Entendemos que a idéia de uma tensão também pode ser tirada da noção de oposição de forças em Freud.

Seria, então, esta tensão, uma força pulsional, inscrita entre a matéria e o pensamento que geraria o comparecimento de um terceiro termo, quer dizer, algo que se passa entre um e o outro, ou entre o mesmo e o que é diferente de si e que produz a próprio processo de diferenciação. Característica de uma lógica de inadequação entre os elementos de composição.

Nisto consiste a relação transferencial que emerge na prática clínica. Uma relação que propiciaria uma experiência contemporânea da inscrição da diferença sexual, como sendo aquilo que mais se aproximaria disto que estamos pensando como o terceiro da relação.

Com efeito, o discurso freudiano enunciava que inicialmente a prática analítica se fundava na arte da interpretação, que se transformou em seguida numa analítica das resistências e desembocando finalmente na questão da repetição. ⁵²

Por este trecho escrito por Birman (1995), entendemos como a prática clínica foi ganhando sentidos diferentes ao longo da história da psicanálise. Transformando o seu método de intervenção interpretativo, passando por uma analítica das resistências, até chegar numa idéia de repetição. E o que se repete primordialmente numa análise é a relação transferencial, por onde se pode atravessar a sintomática dos fantasmas.

Com a introdução da noção de transferência, e da teoria da repetição, o psicanalista passa

⁵² BIRMAN, J. *Sujeito e estilo em psicanálise. Sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano*. In: MOURA, A. H. de (org.). *As Pulsões*. São Paulo: Editora Escuta, 1995. p. 36.

a ser visto como um historiador de algo que está vivo e não morto e enterrado num passado arqueológico. (Recordemos que nisto diferem, para Freud, as tarefas do arqueólogo e do analista.) Não se trataria de passado, mas na verdade, de um presente transferencial, algo atual e que se repete na relação terapeuta-cliente. Também aqui não se trata de arqueologia, mas do que está sendo atualizado no aqui e agora da situação analítica através da fala do cliente.⁵³

O paradoxal do conceito de inconsciente consiste em pensar que um limite indiscernível surge da relação entre os elementos que o compõem, como o surgimento de uma diferença. Podemos dizer ainda que o inconsciente emerge entre a razão e a desrazão, entre a verdade e a loucura, constituindo o paradoxo que é a própria vida.

⁵³ RAUTER, Cristina M. B. *Clínica do esquecimento: construção de uma superfície*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 1998. p. 29.

IV – TERCEIRA PARTE: O inconsciente pulsional como processo de produção.

Destriangularizado, relativizado, torna-se o continuum da existência, o seu princípio, e não já uma instância entre outras. Órfão, autoproduzido, anarquista e ateu, cíclico, envolvendo a experiência da morte na sua experiência, o inconsciente faz do devir aquilo que não cessa e não deixa de acontecer. Não conhece assim nada da origem e do fim, não exprime nada e não é sequer uma linguagem. Não é o receptáculo secreto dum sentido que seria preciso decifrar, mas o estado de coexistensividade do homem e da natureza.

(DONZELOT, Jacques. *Uma Anti-Sociologia*. In: CARRILHO, M. M. (org.) *Capitalismo e Esquizofrenia*. Dossiê Anti-Édipo. 1976. p. 158)

Nesta terceira parte do trabalho consideramos que seria

importante abordar a perspectiva econômica do inconsciente destacando o seu aspecto de produção.

Como uma forma de buscarmos um maior aprofundamento das questões que foram apresentadas na segunda parte, a parte anterior deste texto.

Vamos observar que, a partir dos textos metapsicológicos de Freud, sobretudo, os que selecionamos para a realização desta pesquisa, podemos acompanhar que a obra de freudiana comporta em suas entrelinhas uma teoria do primado das forças.

Inicialmente Freud pensa um aparelho psíquico energético (catexia) e após o autor formula o conceito de pulsão. A teoria da pulsão freudiana indica que uma força hipoteticamente está localizada entre o corpo e a mente, animando a vida. Esta força funciona como um motor ou uma máquina da produção de si e do mundo.

Freud considera, ainda, que o pensamento, este estranho comparcimento de uma capacidade do ser humano de pensar-se a si mesmo, é cindido. Isto que consideramos como nossa consciência é somente uma parte do podemos conhecer.

Forças muito mais misteriosas também atuam e participam em nossa historia. Por isso, Freud fala de um inconsciente. Um campo a ser descoberto e investigado como forma de problematização da própria existência.

O inconsciente pode ser entendido como uma abertura maior para o campo de problematização que é a própria existência. Um trabalho de se posicionar e de se re-posicionar na vida. Freud cada vez que se percebia equivocado, ele trazia para si mesmo a possibilidade de traças outras linhas, lançando-se para o indeterminado da vida. Seus textos podem indicar que o autor esteve sempre emaranhado em suas próprias dúvidas, questões e angústias, do mesmo modo que também se arriscou aos problemas do outro.

Para Freud, o sistema que serve de representante da pulsão é o sistema inconsciente, de onde emerge a consciência. Pensar o conceito de inconsciente, portanto, exige um esforço muito maior que está para além do plano das representações de palavras. Por elas damos vazão a

muitos afetos suscitados. Contudo, nem tudo pode ser nomeado. Assim, o inconsciente, abarca um domínio muito mais amplo.

Com isto Deleuze e Guattari incitam o pensamento para a questão de que tudo está em conexão o tempo todo. Trataria mesmo de pensar uma operação maquínica de produção incessante. O inconsciente opera sem cessar. Fluxos constantes e agenciamentos provisórios.

Quando Deleuze e Guattari escrevem juntos *O Anti-Édipo*, podemos entender em seus apontamentos um alerta para os perigos de uma interpretação reduzida a uma escuta clínica aprisionava por uma busca dos conteúdos inconscientes que estariam por trás do discurso do paciente. Chamam a atenção para o ilimitado do inconsciente.

Considerando o trecho em que Deleuze e Guattari dizem que “a grande descoberta da psicanálise foi a produção desejante, as produções do inconsciente”⁵⁴, então, propomos fazer uma análise do problema do inconsciente representacional.

Por isto, queremos retomar a questão que apresentamos anteriormente, na segunda parte deste trabalho, do paradoxo do inconsciente.

O conceito de recalque originário como já foi dito insere-se então, nesta pesquisa, como uma via de produção deste texto naquilo que se pretende dizer sobre o inconsciente. Freud, através do conceito de recalque originário, somente consegue dizer que o inconsciente surge dele mesmo, pois a operação de funda o inconsciente é inconsciente, então, como explicar o inconsciente!?

Dele não se pode chegar a explicação alguma, como afirma Deleuze e Guattari, pois funciona como uma operação de produção. O conceito de recalque originário apresenta que uma operação de separação emerge da conjunção entre duas forças opostas (na linguagem freudiana, investimento e contra-investimento), mas que estas duas forças somente são duas porque estão já separadas. Não se pode pensar no diferente senão pelo que está separado. Mas aquilo que

⁵⁴ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 41.

separa só se separa quando duas coisas se compõem. Trata-se de uma estranha lógica de compreensão da emergência do inconsciente. Uma lógica paradoxal.

O recalque produz a anticatexia, que é necessária para que ele se produza e se mantenha em atividade. O que temos aí é um processo circular, em que não podemos determinar seu ponto de origem nem seu ponto de chegada, mas somente uma linha contínua sempre em retorno e retorcida sobre si mesma. Como identificar a causa e, separadamente, o efeito deste processo, se os termos se invaginam no tempo, uns nos outros? É neste processo circular que vemos emergir um paradoxo onde o produtor é também o seu produto, onde um processo inconsciente produz o próprio inconsciente, ou seja, onde o inconsciente se autoproduz. ⁵⁵

Queremos dizer, então, que a teoria da psicanálise pressupõe como ponto de partida para o pensamento um paradoxo. Também queremos dizer que sustentamos que a base deste paradoxo é o domínio das forças. É por haver uma tensão que os termos se distinguem. Uma força de atração que tenciona para si e uma força de repulsão que tenciona para fora. A idéia de um recalque originário serve a Freud como explicação de uma linha invisível que funciona como fronteira de separação do corpo e do pensamento. Podemos dizer, então, que os principais conceitos freudianos, como pulsão, inconsciente, recalque e transferência, foram criados para explicar

⁵⁵ ACCIOLY, Ana. *O Inconsciente freudiano e suas interlocuções com a teoria da autopoiese*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2000. p. 71.

este estranha fronteira, quer dizer, um plano invisível, indiscernível, deslizando, mas que também produz a diferença.

Se tentarmos entrar na obra de Freud por qualquer um destes conceitos, veremos que um remete ao outro. A obra de Freud, assim como o seu conceito de inconsciente apresenta uma lógica circular. Vemos que o contato com os textos de Freud vai produzindo em seus leitores uma equivocação constante das verdades que procuram se impor.

Buscar uma aproximação entre o conceito de inconsciente pulsional de Freud e o conceito de inconsciente maquínico de Deleuze e Guattari, é tratar do tema do inconsciente em seu devir histórico, ou seja, como uma linha do tempo que se escreve por ela mesma. E que a única coisa que a determina é o tempo, como uma dimensão de variação pura. A narrativa de uma história, embora apresente elementos do passado, ela se atualiza no presente de sua narração. Deleuze e Guattari suscitam o pensamento para o que dele é contemporâneo: sua emergência no presente.

Nômade, não conhece morada fixa, sendo o eterno construir e destruir de si próprio. Margem, excesso, diferença, transmutação; que outros nomes poderiam aludir a esse eterno-re-tornar, esse incessante, incansável devir? 56

O conceito de recalque freudiano apresenta a idéia de uma operação circular inconsciente que serve de fronteira para si mesma fazendo emergir ao mesmo tempo o seu produto e o seu produtor, ou também a criatura e o criador.

Quando ocorre o primeiro recalque? Quando foi a primeira vez que surgiu uma separação entre o produtor e o produto, ou o sujeito e o objeto? O sujeito e o objeto, ou o produtor e o produto, ou ainda, o

⁵⁶ NAFFAH NETO, Alfredo. *O Inconsciente como Potência Subversiva*. São Paulo: Escuta, 1991. p. 72.

criador e a criatura, são produtos de si mesmo. Somente podemos conhecer o retorno do recalçado se o recalque já tiver entrado em ação. Mas, ao mesmo tempo, o recalque somente entra em ação se algo já tiver sido recalçado antes. Porque o recalque só se efetua se uma força oposta entra em conflito com o livre curso do desejo. Uma tensão que liga o criador à obra e a obra ao criador.

Temos motivos suficientes para supor que existe uma repressão primeva, uma primeira fase de repressão, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) da pulsão. Com isso estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele. Isso se deve às propriedades dos processos inconscientes.⁵⁷

Se, de acordo com o que escreve Freud, a anticatexia, a repulsão, é a única energia do recalque originário, e se é somente a partir deste primeiro processo que há formação desta anticatexia, então, somos levados a crer que a anticatexia é produzida por aquilo mesmo que ela veio produzir, que ela tem sua origem no processo mesmo do qual ela é uma condição e participa de maneira determinante.

Ao construir a hipótese de um recalque originário como fundador do inconsciente enquanto lugar, por excelência, das representações psíquicas bem como de uma lógica bastante singular, Freud nos deixa entrever sua dificuldade em estabelecer a

⁵⁷ FREUD, Sigmund. *O Inconsciente*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV. p. 153.

natureza deste processo que, trazendo a marca do processo primário e, portanto, sendo inteiramente inconsciente, somente poderia ocorrer, segundo a razão clássica, já havendo inconsciente. Não podemos deixar de perceber que este processo de recalçamento originário apresenta-se de uma maneira paradoxal, na medida em que não consegue estabelecer uma linearidade causal entre a operação do recalque e a produção do inconsciente, bem como da fronteira que distingui as duas instâncias psíquicas. 58

Queremos também dizer que o conceito de inconsciente, assim como os de pulsão, recalque e transferência, mas queremos destacar especialmente o de inconsciente, ao apresentarem uma lógica de pensamento circular que se explica a si mesma, contornando seus próprios contornos, situando-se como um limite indiscernível de onde se começa e de onde se termina, aponta para a questão da diferença entre os sexos e a sua tensa relação de entrecruzamento. Assim, ao contrário da razão clássica, a psicanálise se apresenta como um domínio de saber que trata das questões da sexualidade.

Em 1923, Freud escreve em “O Ego e o Id”: “o ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões.”⁵⁹

No entanto, de acordo com o que podemos observar a partir de nossas leituras de *O Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari teriam considerado que a construção do discurso psicanalítico teria se tornado aquilo que eles chamaram de uma “fantástica repressão das máquinas desejantes”. Noções como as de castração, falta ou complexo de Édipo imprimem

⁵⁸ ACCIOLY, Ana. *O Inconsciente freudiano e suas interlocuções com a teoria da autopoiese*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2000. p. 66.

⁵⁹ FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV. p. 38.

um caráter de negatividade ao pensamento que comparece como um “não”. Consideramos assim que o pensamento estaria atrelado a uma lógica dialética, de síntese e antítese ou de uma certa lógica de oposição que empobrece o campo existencial do desejo. De outro modo, Deleuze e Guattari assinalam que as produções inconscientes comparecem como diferença pura.

Agenciar é explorar conexões conceituais a partir de um campo problemático para tentar estabelecer encontros de corpos-conceitos, nos quais a diferença deve ser pensada não em termos de comparação, oposição, mas em termos de ressonâncias, faíscas. ⁶⁰

Contudo, considerando os três pontos de vista apresentados por Freud em sua obra, topológico, dinâmico e econômico, buscamos ressaltar a perspectiva econômica, que transcende à lógica dialética da dinâmica do aparelho psíquico para se pensar um jogo de forças.

A psicanálise foi a prática e a teoria que operou um questionamento fundamental acerca da posição sagrada do sujeito como núcleo do conhecimento e da verdade estabelecida no pensamento ocidental desde Descartes, apontando assim para a subversão operada pelo discurso psicanalítico. Ao deslocar o sujeito da consciência para o inconsciente, Freud formula o psiquismo não mais como um aparelho de conhecimento e sim como uma máquina desejante, cujo imperativo é a busca do prazer,

⁶⁰ NERI, Regina. *Anti-Édipo / Psicanálise: um debate atual*. In: *Agora*, v. VI, n. 1, Jan./jun. UFRJ: 2003. p. 5

afirmando, desse modo uma política do desejo.

61

Podemos considerar que há uma certa lógica recorrente ao longo de toda a obra freudiana que aparece através de termos conflitantes, tais como: antitético, ambivalente, ambíguo ou dual, na medida em que a obra de Freud apresenta tanto um questionamento da tradicional concepção racionalista, quanto, ao mesmo tempo e paradoxalmente, apresenta uma tentativa de “restaurar uma certa racionalidade nesse inconsciente disruptivo por ela [a psicanálise] enunciado.”⁶²

A sexualidade é o acontecimento, por excelência, onde encontramos no vivo um conflito, onde algo tende a perpetuar-se ao mesmo tempo em que algo tende a desaparecer, como o paradoxo da sexualidade. Seria neste contra-senso entre a vida e a morte, uma força desagregadora e disruptiva, fazendo o organismo retornar a sua forma inorgânica original, à morte, e, ao mesmo tempo, uma força unificadora e criativa, de gerar e renovar a vida. De acordo com o próprio Freud:

... esses guardiões da vida eram também os lacaios da morte. Daí surgir a situação paradoxal de que o organismo vivo luta com toda sua energia contra fatos que poderiam auxiliá-lo a atingir mais rapidamente seu objetivo de vida, por uma espécie de curto circuito.⁶³

Sexualidade, para Freud, é aquilo que marca na verdade um não-lugar, por não ser nem o corpo apenas, nem a psique tampouco, um

⁶¹ NERI, Regina. *A clínica como política de resistência da vida*. In: Lugar Comum. Estudos de Mídia, Cultura e Democracia, n. 21-22, julho-dezembro. UFRJ: 2005.

⁶² *Idem.* p. 92.

⁶³ FREUD, Sigmund. *Para Além do Princípio do Prazer*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII. p. 50.

não lugar entre o corpo e o pensamento. Ampliando a noção de sexualidade em suas pesquisas, Freud entendeu por sexual tudo o que vivemos como excitação desde o nosso nascimento, que ele denominou de auto-erotismo. Sendo, portanto, justamente, esta noção o que queremos destacar aqui, como sendo não uma operação que vem marcar um ponto de origem para a sexualidade, mas uma operação circular de produção sexual.

Podemos dizer também que este momento inaugural e contínuo é uma ocorrência de subjetivação sem que haja ainda um sujeito tal como o concebemos, um sujeito da linguagem. Paradoxalmente, é um acontecimento e também um processo subjetivante que engendra a própria subjetividade, portanto um processo de subjetivação sem ninguém, inteiramente acéfalo. ⁶⁴

O termo sexo vem do latim *seccare* e significa seccionar. Desse modo, entendemos como um ato de cortar que surge de uma força de repulsa ou do limite do insuportável. Para Freud, é neste aspecto da vida, quer dizer, seria no campo da sexualidade que a inscrição de um limite significaria a entrada na vida subjetiva.

Do mesmo modo, a idéia de uma força de repulsa do organismo que tende a sua aniquilação corresponderia ao que Deleuze e Guattari chamariam de corpo sem órgãos. Como uma morte da organização do corpo, enquanto um corpo racionalizado, como condição de abertura para uma nova organização possível. Isto elucidada o quanto Deleuze e Guattari procuraram se desvencilhar do plano da organização ou da representação que aprisionariam o fluxo do desejo.

⁶⁴ ACCIOLY, Ana. *O Inconsciente freudiano e suas interlocuções com a teoria da autopoiese*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2000. p. 89.

Com efeito, ao corpo sem órgão não faltam órgãos, o que lhe falta é o organismo, isto é, essa organização de órgãos. O corpo sem órgão se define por órgãos determinados (...). O que é boca em um nível de encontro da força com o corpo pode se tornar anus. Assim, se compõe uma série: sem órgão – órgão indeterminado polivalente – órgãos temporários e transitórios. ⁶⁵

Como bem podemos ler em *O Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari procuram chamar a atenção para o fato de que o desejo tenderia a um adormecimento por estar reduzido às suas mais antigas representações de vida, como um conjunto de representações que comporiam um passado histórico. Atrelado, portanto, a uma narrativa edipiana. Deleuze e Guattari buscam um sentido mais amplo para as questões relacionadas ao desejo, propondo, assim, uma ampliar o campo do desejo ao campo o social. Desse modo, para Deleuze e Guattari, os psicanalistas reproduziram as neuroses familiares por não conseguirem se posicionar (os psicanalistas) em outro lugar que não os mesmos que os padres ocupam, por exemplo, no sentido de não romper com as barreiras ou os muros da “interiorização” de uma pessoa.

O surgimento da noção de complexo de Édipo configura a direção que irá afirmar os universais em detrimento das lutas concretas

⁶⁵ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 34.

do desejo. Não negamos a existência de modos de subjetivação edipianos. A questão que levantamos é eminentemente clínica: Se erigimos Édipo ao status de uma categoria geral, marca fundamental do psiquismo, não podemos, na clínica, sair de Édipo. Se as histórias dos clientes se repetem é porque Édipo, enquanto modo de subjetivação, é dominante. Os clientes estão falando dos aprisionamentos a que está submetida a produção desejante - limitada à família, culpabilizada, separada do que ela pode. Édipo, sem sombra de dúvida existe como um modo de subjetivação, é ponto de partida da clínica enquanto problema, mas não pode ser ponto de chegada ou solução de um problema. Se tornado categoria geral, não poderemos construir dispositivos clínicos que permitam desedipianizar.⁶⁶

Com a intenção de terminar este trabalho, e avançarmos para o seu último sopro que será a conclusão, queremos dizer que, entendemos que suscitar o pensamento para uma reflexão crítica sobre o inconsciente teatral da psicanálise, como foi feito por Deleuze e Guattari, significa chamar a atenção para o fato de que o modelo de clínica edipiano, calcado em uma sobre-codificação de idéias não produz os efeitos que uma clínica do contemporâneo pode produzir.

Desse modo, deparar-se constantemente com o sentimento de que existe algo que sempre escapa às interpretações, sempre foi a maior inquietação da psicanálise. Nisto consiste o vigor de sua arte. Se novas questões surgiram em nosso mundo e novos problemas foram colocados, compreendemos que o inconsciente sempre vai muito mais

⁶⁶ RAUTER, Cristina Mair Barros. *Clínica do Esquecimento: Construção de Uma Superfície*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 1998. p. 27.

além do que aquilo que nomeamos como tal. Assim, complexo de Édipo consiste apenas em um dos vetores de composição do discurso. Mas, outras narrativas sempre serão possíveis.

A clínica oferece um dispositivo que tem a qualidade de incitar o processo de produção inconsciente. Um canal de abertura para a produção de novos sentidos na vida. Como uma composição espaço-temporal da existência que opera agenciamentos maquínicos de desejo. Arejamento das produções inconscientes como uma maneira de recuperar uma certa plasticidade do movimento do desejo em seu trânsito pela cisão do tempo. Sonhos, fantasias, sexualidade, feminino, loucura, estranho, alteridade, sempre foram os temas de maior interesse de Freud. Desse modo, o discurso psicanalítico é muito mais do que um papai e mamãe.

O dispositivo clínico se configura como um espaço que, ao propiciar o relato do incidente desencadeador pela palavra acompanhada de afeto, provoca o desaparecimento do sintoma. Nos dizeres de Anna O., a cura pela palavra realizava uma limpeza da chaminé.⁶⁷

⁶⁷ NERI, Regina. *A clínica como política de resistência da vida*. In: Lugar Comum. Estudos de Mídia, Cultura e Democracia, n. 21-22, julho-dezembro. UFRJ: 2005. p. 101.

4 – CONCLUSÃO

A perspectiva da economia pulsional na obra de Freud tem potencializado em muito nossos estudos em psicanálise, e possibilitado uma conquista maior de um espaço de exercício do pensamento na sua relação intrínseca com o corpo.

Como bem podemos observar, Freud aponta o corpo como sendo a fonte das pulsões, como um processo que serve de base de estimulação que é vivida como uma exigência de trabalho imposta ao anímico. O conceito de pulsão nos remete ao corpo.

Mas de que corpo se está falando? Não se trata do corpo biológico, organizado pela medicina clássica, como um corpo adaptativo.

Freud busca pensar as questões relacionadas ao corpo sexual, como um corpo de afetos, sentido como potencialmente dispersivo e intenso. Descrito pelo processo primário, como um campo de livre circulação energético e regido pelo princípio do prazer e do desprazer. Isto também não significa que a psicanálise recuse o corpo vivo, o corpo organizado pela biologia, mas o que a psicanálise entende é que a ordem biológica não é suficiente para a inteligibilidade do corpo pulsional.

O corpo pulsional pensado nos textos freudianos se apresenta como um corpo fragmentado e não organizado, como dissemos, como

uma potencia dispersa, descrita pelo processo primário, indiferente, portanto, a uma organização estruturada. Este corpo em fragmentos corresponde a qualquer órgão ou qualquer outra parte do corpo, onde o que importa é a fonte de estimulação proveniente disto.

No entanto, se por um lado à descrição do aparelho psíquico freudiano apresenta uma teoria das forças intensivas, observamos que também se constitui como um aparelho de captura. Quer dizer, funciona como um processo que pode ser entendido como captura das intensidades pulsionais como forma de organização.

Podemos afirmar, desse modo, que o aparelho de captura se organiza na linguagem. Mesmo que pensemos o aparelho psíquico como um aparelho de memória, entendemos que a memória é uma inscrição psíquica. Mas aquilo que mais nos interessa ressaltar é que o que está na base da descrição deste aparelho é um processo circular, em que a linguagem confere às pulsões uma organização possível, enquanto, ao mesmo tempo, as pulsões conferem a inscrição psíquica sua intensidade. Queremos esclarecer ainda que embora a linguagem seja o vetor de representação da pulsão, esta, a pulsão é descrita como constituindo a força de estimulação da representação.

Quando buscamos uma interlocução entre o *Anti-Édipo* e o conceito de inconsciente freudiano, queremos ressaltar a idéia de que o inconsciente pressupõe uma operação de produção. Como entende Deleuze e Guattari, uma operação maquínica de produção. Trata-se de pensar uma outra lógica funcional para o inconsciente, diversa da lógica representativa da consciência.

Isto também significa dizer que os conteúdos que compõem uma história são apenas produções de sentidos para o que se dá no plano afetivo. Segundo Deleuze e Guattari o complexo de Édipo constitui-se apenas como o conteúdo de uma história.

A inovação da psicanálise teria representado algo muito mais complexo, a descoberta das produções inconscientes e não de seus conteúdos. Isto se constitui como um deslocamento da questão do inconsciente. Como diria os autores de *O Anti-Édipo*, não se trata de

negar a importância da função dos pais, mas o inconsciente constitui-se como um plano de infinitas composições, como um plano de atravessamentos de múltiplos vetores. Os autores apresentam uma política de diferenciação ao modelo de família burguesa predominantemente em voga no sistema capitalista de produção de nossa atual sociedade moderna. O modelo de subjetividade da neurose é insuficiente para se trabalhar com as questões da sexualidade humana nos dias de hoje.

Estar atento para o debate que foi criado pelo *O Anti-Édipo* com a psicanálise significa nesta pesquisa retomar um estudo da perspectiva econômica da metapsicologia freudiana, como uma possibilidade de criar uma contraposição do debate e ampliar a discussão. Percebemos ao longo desta pesquisa que *O Anti-Édipo* pressupõe uma reflexão para se pensar por que o desejo precisa estar referido a uma lei, como uma tentativa de organização da sexualidade, que tem como proposta de trabalho uma psicologia desenvolvimentista ou adaptativa. Não há uma causa para o desejo como seu ponto de origem. O desejo é a única causa do desejo. O significante não é a causa do desejo. Porque o significante é também produto do desejo, como um sentido provisório.

Em outras palavras, há uma coextensividade entre o desejo e aquilo que o representa. O sentido de uma história somente emerge no momento presente de sua narração. Considerando que a psicanálise adviria de uma produção discursiva histórica, principalmente porque nasce como uma tentativa de problematizar algumas questões de seu tempo, como, por exemplo, a crise do sujeito clássica da razão, entende-se atualmente ser possível aos leitores de Freud estar a altura do gesto que funda a psicanálise, que é problematizar as questões emergentes em nosso tempo. Por isso, consideramos a obra freudiana uma obra aberta a produções diversas daquelas que se tem o complexo de Édipo como norte. Perguntamos: será, então, que podemos dizer que o mito de Édipo é uma tentativa de Freud de narrar a sua própria tese sobre o sofrimento humano, ao qual foi sensível ao longo de toda

a sua vida? Como a produção de um sentido para falar de uma sensação de desamparo que é a própria vida, onde nem pai nem mãe garantem o sentido da própria existência.

É preciso construir e reconstruir o sentido da própria vida, que se desenrola mediante a imprevisibilidade do futuro, como uma dimensão incerta e indeterminada, como o próprio desejo. Aquilo que se apresenta como complexo de Édipo, como a narrativa de uma estória que busca uma explicação para o sofrimento, comporta também uma dimensão de abertura para a questão do grande enigma que é a vida, e suscita o desejo de buscar a verdade sobre si mesmo, mesmo que provisória. E mesmo que esta verdade seja apenas um mito ou uma fábula. O mito de Édipo também apresenta o aspecto trágico da vida, que nada mais é do que perceber que não há como fugir de si mesmo. Restando a nós, então, uma pergunta? O que fazer da própria existência?

Observamos uma posição política expressa em *O Anti-Édipo* de oposição ao sistema de codificação e sobre-codificação do modelo do capital. Modelo predominantemente econômico de nossa sociedade atual que perverte o processo de produção desejante quando separa o produto do seu produtor, baseado, sobretudo, numa lógica de produção em série.

A universalização das formulações do complexo de Édipo como uma verdade sobre o sujeito somente opera uma reprodução do modelo do capital. Não que o complexo de Édipo não faça parte do processo de produção subjetiva, não é isso que estamos pensando. Faz parte sim, mas é preciso ir além, muitos outros vetores ou linhas de produção também fazem parte deste processo. Não se trata de negar a importância vital e amorosa dos pais. Trata-se de saber qual é seu lugar e sua função na produção do sujeito, em vez de fazer o inverso e rebater todo o jogo das máquinas desejantes no código restrito do complexo de Édipo.

Na verdade, segundo Laplanche e Pontalis, Freud nunca haveria sistematizado uma apresentação acerca do complexo de Édipo e o teria usado apenas como exposição daquilo que ele observou largamente em

seus atendimentos, bem como em sua própria auto-análise. Para além do debate entre *O Édipo* e *O Anti-Édipo*, devemos pensar em que medida *O Anti-Édipo*, como o aparecimento de um livro potencialmente diferente do discurso psicanalítico, tornou um agente vigoroso de interlocução, ressaltando linhas conceituais de intensidade presentes no texto freudiano.

Interrogamos, desse modo, em que medida a teoria da subjetivação baseada num modelo representacional fálico e edípico mantém aprisionado o desejo a uma verdade universal de uma determinada cultura. Uma releitura da obra de Freud pela perspectiva da economia pulsional pressupõe a possibilidade de explorarmos os domínios da psicanálise em vetores diversos que não o da dialética, como comparação ou oposição do pensamento. Nesta perspectiva desejamos explorar o conceito de inconsciente em seu sentido de criação de um campo problemático de conflito de forças.

Pensamos ainda em que medida a obra freudiana se constitui como um texto atravessado pela lógica do paradoxo, indicando para uma genealogia do desejo com base em uma tensão de forças. Do mesmo modo, o projeto de *O Anti-Édipo* é pensar um inconsciente maquínico, como força de produção subjetiva.

Quando em 1920 Freud formula o problema da pulsão de morte, como a pulsão por excelência sem representação, como uma reflexão também sobre o último conflito pulsional descrito como pulsão de vida e pulsão de morte, isto também indica afirmar o limite do sujeito da representação do inconsciente regido pelo princípio do prazer.

Algo como o além do princípio do prazer, aponta para uma pulsão de destruição. Que não se sabe nem onde começa e nem onde termina. Entendemos que, do mesmo modo que, Freud apresenta em seus textos uma tese sobre os processos psicológicos que parte de uma lógica paradoxal, onde o produto e o produtor são indiscerníveis, também compreendemos estar apresentado assim o *Anti-Édipo*.

Sustentamos nosso trabalho com base numa possível articulação entre estes autores que parte da intuição de que a lógica paradoxal apresentada pelo conceito de inconsciente freudiano, que tem como

condição de sua emergência si mesmo, é também encontrada em *O Anti-édipo* como inconsciente maquínico. Ou uma máquina de produção inconsciente.

Esta lógica paradoxal pressupõe que não há um ponto de origem para o desejo. A condição de emergência do desejo inconsciente pressupõe uma operação circular de contorno de seus próprios limites.

Dizemos ainda que aquilo que faz de dois termos diferentes seria uma variação pura da própria diferença. O meio que compõem as partes distintas é parte das próprias partes. Mas ao mesmo tempo se constitui com um limite de separação das partes. Um plano de composição paradoxal que pressupõe um meio vibratório. Um meio serve para outro, se dissipa e se constitui em outro. Assim, uma repetição incessante. Podemos dizer ainda uma pulsação inconsciente.

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCIOLY, Ana. *O inconsciente freudiano e suas interlocuções com a teoria da autopoiese*. Niterói, 2000. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2000.

ANDRADE, Ricardo. *A teoria das pulsões no romantismo alemão*. In: MOURA, A. H. de (org.). *As Pulsões*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

BIRMAN, Joel. *Sujeito e estilo em psicanálise. Sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano*. In: MOURA, A. H. de (org.). *As Pulsões*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

BIRMAN, Joel. *Os Signos e seus excessos. A clínica em Deleuze*. In: *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000.

BIRMAN, Joel. *Freud e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BRUNO, Mário. *Lacan & Deleuze. O Trágico em duas faces do Além do Princípio do Prazer*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

DESCAMPS, Christian. (1986) *As Idéias filosóficas contemporâneas na França*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é um conceito?* In: *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DONZELOT, Jaques. *Uma anti-sociologia*. In: CARRILHO, M. M. (org.). *Capitalismo e esquizofrenia*. Dossier Deleuze. Lisboa: Assírio e Alvim, 1976.

FERRY, L. & RENAUT, A. *Pensamento 68. Ensaio sobre o Anti-humanismo contemporâneo*. São Paulo: Editora Ensaio, 1988.

FREUD, Sigmund. *Correspondências de amor e outras cartas (1873 – 1939)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Edição preparada por Ernest L. Jones.

FREUD, Sigmund. *Obras completas psicológicas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ *Projeto para uma psicologia científica*. 1895. v. I.

_____ Carta 52. 1896. v. I.

_____ *Estudos sobre a histeria*. 1893-95. v. II.

_____ *As neuropsicoses de defesa*. 1894. v. III.

_____ *A interpretação dos sonhos*. 1900. v. V.

_____ *Cinco lições de psicanálise*. 1910. v. XI.

_____ *Sobre a psicanálise*. 1911. v. XII.

_____ *Formulações sobre dois princípios. do funcionamento mental*. 1911. v. XII.

_____ *Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise*. 1912. v. XII.

_____ *O interesse científico da psicanálise*. 1913/ v. XIII.

_____ *A história do movimento psicanalítico*. 1914. v. XIV.

_____ *Recalque*. 1915. v. XIV.

_____ *O inconsciente*. 1915. v. XIV.

_____ *A pulsão e seus destinos*. 1915. v. XIV.

_____ *O estranho*. 1919. v. XVII

_____ *Além do princípio de prazer*. 1920. v. XVIII.

_____ *Dois verbetes de enciclopédia. psicanálise.*
1923. v. XVIII.

_____ *O ego e o id.* 1923. v. XIX.

_____ *O problema econômico do masoquismo.* 1924.
v. XIX.

_____ *A dissecação da pers. psíquica. Conferência*
XXXI. 1933. v. XXII.

FOUCAULT, Michel. *Anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista.*
In: ESCOBAR, C. H. de (org.). *Dossier Deleuze.* Rio de Janeiro:
Hólon Editorial, 1991.

FURTOS, J. & ROUSSILLON, R. “*O Anti-Édipo*” de exploração. In:
CARRILHO, M. M. (org.). *Capitalismo e esquizofrenia. Dossier Anti-*
Édipo. Lisboa: Assírio e Alvim, 1976.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Freud e o Inconsciente.* Rio de
Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Introdução à Metapsicologia*
Freudiana. Volumes I / II / III. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,
1995.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Pulsão: Parénklises ou Clinamen?* In:
MOURA, A. H. de (org.) *As Pulsões.* São Paulo: Editora Escura, 1995.

GONDAR, Jô. *Os Tempos de Freud.* Rio de Janeiro: Editora Revinter,
1995.

GUATARRI, Félix. *Logos ou Máquinas abstratas.* In: O Inconsciente
Maquínico. Ensaio de esquizo-análise. São Paulo: Papyrus, 1988.

GUATARRI, Félix. *Vídeo – entrevista com Félix Guattari.* In:
MOURA, A. H. de (org.) *As Pulsões.* São Paulo: Editora Escura, 1995.

GUATARRI, G. & ROLNIK, Suely. *Subjetividade e História*. In: *Micropolítica Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GREEN... [et al.] (1988) *A Pulsão de Morte*. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

JONES, Ernest. *A Vida e a Obra de Sigmund Freud. Volumes I*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.

LAPLANCHE, J. *Problemáticas IV. O Inconsciente e o Id*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.

MACIEL, Alteríves. *Pensamento e Verdade em Freud*. In: *Revista Ágora*. UFRJ, 1999.

MATOS, Olgaria C. F. *Paris 1968. As Barricadas do Desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MEZAN, Renato. *Freud: A Trama dos Conceitos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

MONZANI, Luiz Roberto. *Freud. Um Movimento de Pensamento*. São Paulo: UNICAMP, 1989.

NAFFAH NETO, Alfred. *O Inconsciente como Potência Subversiva*. São Paulo: Ed. Escuta, 1991.

NASIO, J. D. *Os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

NERI, Regina. *Anti-Édipo / Psicanálise: um debate atual*. Ágora. v. VI, n. 1. UFRJ, 2003.

NERI, Regina. *A Clínica como política de resistência da vida*. In: Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia. Número 21-22. RJ. UFRJ, 2005.

RAUTER, Cristina. *Subjetividade, Arte e Clínica*. In: Subjetividades Questões Contemporâneas. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

RAUTER, Cristina. *Clínica do esquecimento: construções de uma superfície*. Tese de Doutorado em Psicologia. São Paulo: PUC, 1998.

ROLNIK, Sueli. *Cartografia sentimental – Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

STRACHEY, James. *Introdução. Projeto para uma psicologia científica*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ZALTZMAN, Nathalie. *A Pulsão Anarquista*. São Paulo: Editora Escuta, 1993.

ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

